

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

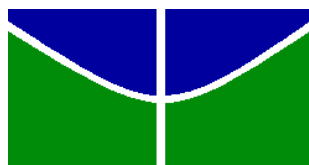
**RELAÇÕES PROFESSORA-CRIANÇA E A
APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA NOS ANOS
INICIAIS**

Autora: Adler Peggy Lima Aleixo

Orientadora: Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Brasília

2013



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

**Relações professora-criança e a aprendizagem em sala de aula nos
anos iniciais**

Adler Peggy Lima Aleixo

Trabalho Final de Curso apresentado à Comissão Examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

Brasília
2013



Monografia de autoria de Adler Peggy Lima Aleixo, intitulada “Relações professora-criança e a aprendizagem em sala de aula nos anos iniciais”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Brasília, em 5/07/2013, avaliada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire – Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade Brasília

Professora Dra. Marly de Jesus Silveira, Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade Brasília

Professora Dra. Maria Cristina Sebba, Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dra. Hέλvia Leite Cruz – Suplente
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Dedico este trabalho a Deus por me inspirar a realizá-lo.

AGRADECIMENTOS

É difícil caminhar sozinho, por isso Deus nos abençoa com pessoas que vão nos auxiliar nessa jornada. E agradeço a ele todos os dias por isso. Tenho tanto a agradecer.

À minha mãe, pelo apoio em tudo que faço, por orientar-me, por me fortalecer com suas orações e pelos conselhos, com isso consigo avaliar melhor minhas reflexões. Principalmente por me ouvir até tarde da noite mesmo cansada. Foi quem ensinou-me que com a humildade ganhamos batalhas que parecem impossíveis aos nossos olhos. Sem ela não conseguiria chegar até aqui.

Ao meu pai pelo incentivo e por obrigar-me a estudar. Por ensinar-me a respeitar e a valorizar as pessoas que nos amam, principalmente a família, que é a base de tudo. Sem seu amor não teria vencido.

Aos Meus irmãos pela compreensão de cada momento ausente. À Kathleen pelo meu sobrinho e pela paciência. À Thonnyt por me ouvir e aconselhar. Ao Irving e ao Wallace pelos inúmeros abraços e por nunca me deixar desanimar. Ao meu sobrinho Kevin, fonte de inspiração em vários momentos. Sem esses carinhos, teria desistido.

Ao meu amigo Chiquinho, como é conhecido, suas indicações literárias, sua ajuda ao fornecer o melhor que tinha: seus livros, que foram ferramentas de pesquisas valiosas para o enriquecimento bibliográfico desse trabalho. Obrigada.

À minha orientadora, por ter tanta paciência e por acreditar no meu potencial. Pelas palavras de incentivo, por sempre enxergar em mim uma grande profissional. Sua orientação e seus ensinamentos me acompanharão por toda a minha jornada. Obrigada professora por ser o que você é.

A todos vocês, um grande Obrigado!

*Ser criança é ter lembrança quando adulto;
Viver uma infância, com esperança no futuro;
Ser criança é estar presente na educação,
Fazer parte da escola, sem medo da repressão;
Ser criança é saber de tudo mas de nada para um adulto;
É viver na fantasia em um lugar onde qualquer coisa o fascina;
Ser criança é fazer de seus pais ídolos, dos amigos companheiros e da professora espelho;
Ser criança é usar a imaginação colocando em prática aquilo que aprendeu
de forma simples e sincera, sem fazer disso uma ilusão.*

Adler Peggy

RESUMO

ALEIXO, Adler Peggy Lima. **Relações professora-criança e a aprendizagem em sala de aula:** a perspectiva das crianças em anos iniciais. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

RESUMO: O presente trabalho buscou compreender como as relações professora-criança contribuem para as potencialização das aprendizagens de crianças nos anos iniciais, levando em conta como as relações dentro da sala de aula favorecem o desenvolvimento das habilidades cognitivas, sociais e afetivas favoráveis. A partir da imersão em sala de aula de uma escola na rede pública de ensino, presenciamos a construção das relações socioafetivas que contribuíram para a socialização e o aprendizado das crianças de forma satisfatória. O levantamento empírico buscou (1) identificar as práticas formais e informais de sala de aula que atuam de forma significativa na qualificação subjetiva da aprendizagem das crianças, (2) caracterizar o processo de significação da aprendizagem escolar na perspectiva da criança em escolarização, (3) analisar os efeitos das práticas dialógicas de ensino na potencialização da aprendizagem dos conteúdos escolares e no desenvolvimento, (4) identificar indicadores que atuam na constituição de si, levando em consideração a relação entre as dimensões sociais, cognitivas, afetivas e psicomotoras do desenvolvimento infantil no contexto de práticas pedagógicas específicas. A metodologia se baseou em observações e entrevistas semiestruturadas, que buscou investigar a importância dessas relações no olhar da própria criança, analisando: Como percebem o ambiente escolar, os componentes, os indivíduos que constituem a escola; como se relaciona com a professora, qual a imagem que tem dela; Quais as expectativas que têm em relação ao ambiente escolar; De que forma constroem essas relações entre professora e a criança e da criança para com a outra criança e como essas relações participam no desenvolvimento da aprendizagem e no processo de constituição de si mesmo. Os resultados proporcionaram uma reflexão sobre as práticas pedagógicas em sala de aula e de como elas são ferramentas valiosas na hora de ensinar, exemplos como: o piquenique em sala de aula e o brincar no parquinho, foram fundamentais não somente para a socialização, mas para o desenvolvimento da autonomia na hora do apreender.

Palavras-chave: Relação professora-criança. Desenvolvimento Infantil. Aprendizagem. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

ALEIXO, Adler Peggy Lima. **Teacher-child relationships and learning in the classroom:** the perspective of low elementary grades children. [Relações professora-criança e a aprendizagem em sala de aula: a perspectiva das crianças em anos iniciais]. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ABSTRACT: The study aims at understanding the role teacher-child relationships play in empowering learning in the classroom by emphasizing how the establishment of such relationships foster development of cognitive, social and affective skills positive towards learning. It comprised an immersion within a public school classroom daily routine, which enable to observe the construction of relationships that mainly impacted socialization and learning. Empirical design searched for (1) identifying formal and informal meaningful classroom practices in qualifying children's learning; (2) characterizing the meaning making process of school learning by children; (3) analyzing the effects teaching dialogical practices to empower school's subject matter understanding, and (4) identifying indicators to the development of meaning of the self among children taking into account the relations of social, cognitive, affective and motor skills dimensions within teaching practices. The study's methodology comprised observations and semi-structured interview in order to draw on how children perceive school, its practices and the social relationships within learning experiences. Results provide reflection about teaching practices valuable tools such as picnics in the classroom or outdoors, playing at the playground. Such practices seem to have impacted the development of autonomy not only among social interaction, but specially towards learning.

Key-words: Teacher-child relationships. Child development. School learning. Teaching practices.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
MEMORIAL EDUCATIVO – A história da minha vida	14
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1. Infância, desenvolvimento da criança e os processos escolares	22
1.1 Contexto histórico da infância	22
1.2 Definição de desenvolvimento humano	24
1.3 Caracterização do desenvolvimento até a terceira infância	27
1.4 A abordagens do desenvolvimento humano	30
1.4.1 O desenvolvimento infantil no olhar de Jean Piaget.....	32
1.4.2 O desenvolvimento segundo Lev Semeniovich Vigotsky	34
1.4.3 O desenvolvimento no olhar de Henri Wallon	36
1.5 As práticas escolares, processo de alfabetização, a criança no início da escolarização	37
1.5.1 Métodos no processo de alfabetização	38
1.5.2 relação professora-criança	39
Capítulo 2. METODOLOGIA	43
2.1 Objetivo	44
2.1.1 Geral	44
2.1.2 Específicos	44
2.2 Contexto de pesquisa	44
2.2.1 A escola	45
2.2.2 A sala de aula	47
2.3 Participantes da pesquisa	49
2.4 Instrumentos de pesquisa	50
2.4.1 Diário de campo.....	50
2.4.2 Roteiros de entrevistas	51
2.5 Procedimentos Empíricos	52
2.5.1 Observações participantes.....	53
2.5.2 Conversas casuais	53
2.5.3 Entrevistas individuais.....	54
CAPÍTULO 3. RESULTADOS	55
3.1 Das observações	56
3.1.1 Observações do primeiro semestre	56
3.1.2 Observações do segundo semestre	58
3.2 Atividades em sala de aula	61
3.3 Entrevistas com professora e especialistas	62
3.3.1 Professora	62
3.3.2 Psicopedagoga	65
3.3.3 Psicóloga.....	67
3.4 Entrevista com as crianças	69
3.4.1 Samuel	69

	10
3.4.2 Amanda.....	70
3.4.3 Ana	70
3.4.4 Ashaley	71
3.4.5 Entrevista com o grupo	71
3.5 Discussão	72
3.5.1 O desenvolvimento infantil e as práticas de sala de aula.....	72
3.5.2 A perspectivas da crianças sobre sua aprendizagem	74
3.5.3 As relações professora-criança	75
3.5.4 Práticas que favorecem as aprendizagens	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	82
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICES	85
ANEXOS	92

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 – Períodos do desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital.....	26
Quadro 1 – Estágios de desenvolvimento até a terceira infância segundo Papalia e colaboradores (2009).....	27
Quadro 2 – Caracterização dos alunos da turma	47
Quadro 3 – Participantes, caracterização e procedimentos empíricos.....	50

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

Anexo 1 – Redações produzidas pelas crianças	85
Anexo 2 – Desenhos feitos pelas crianças	89
Apêndice 1 – Termo de consentimento aos responsáveis	92
Apêndice 2 – Roteiro de entrevista com as crianças	93
Apêndice 3 – Roteiro de entrevista com a professora	93
Apêndice 4 – Roteiro de entrevista com o apoio educacional.....	94

APRESENTAÇÃO

A monografia que ora se apresenta é um requisito para a conclusão do curso de pedagogia da Faculdade de educação da Universidade de Brasília-UnB. Constitui-se de um trabalho de pesquisa teórico e empírico cujo tema geral é a relação entre professora e criança na sala de aula no início de escolarização. Tem a finalidade de compreender de que forma e aspectos as relações estabelecidas pela professora com as crianças e estas entre si interagem com o processo das aprendizagens especificamente nos anos iniciais. O interesse nesta temática de investigação justifica-se pela necessidade de aprofundar a relação professor e criança em sala de aula, utilizando os métodos de pesquisa qualitativa com a abordagem dedutiva.

A literatura consultada centrou-se na relação entre aprendizagem e desenvolvimento e os processos de ensino nesse período escolar. A parte empírica contou com a participação da professora, crianças e outras profissionais da educação da instituição onde foi realizada a pesquisa. Levou em consideração as práticas pedagógicas e as concepções que os profissionais da educação têm sobre os processos de desenvolvimento das crianças em idade escolar.

O documento está organizado em três partes, de acordo com as “Diretrizes de Projeto 5 – TCC” do Projeto Acadêmico do Curso de Pedagogia da FE/UnB. A primeira parte compreende um memorial da autora, detalhando a trajetória escolar e acadêmica até o desenvolvimento do tema da monografia. A segunda parte compreende o trabalho investigativo composto por um capítulo de referencial teórico, um capítulo de metodologia e outro com os resultados e análises dos procedimentos empíricos, além da introdução e considerações finais. A terceira parte apresenta as perspectivas profissionais futuras da autora.

MEMORIAL

A história da minha vida

*Com o conhecimento o homem conquista a terra,
sonhando conquista o céu.*

Autor desconhecido

Meu nome é Adler Peggy Lima Aleixo, sou a primogênita de cinco filhos, três mulheres e dois homens, nasci em Brasília em 1985. A minha irmã do meio nasceu com uma deficiência auditiva. Era muito complicada a nossa comunicação, como éramos de um lugar muito humilde não havia uma escola especializada que pudesse alfabetiza-la, na maioria das vezes criávamos gestos para conseguir nos comunicar. Minha irmã mais nova sempre foi a bebezinha do papai e minha grande amiga e companheira, estas são qualidades que a faz tão especial para nossa família. A vida não foi assim muito fácil, meus pais não tiveram muitas oportunidades, mas nunca deixaram que parássemos de estudar.

Mudamos para Goiânia em 1991, lá nasceu o primogênito dos homens, que na ausência do meu pai, executa a função do homem da casa. Mas como era difícil a vida por lá, meu pai resolveu que deveríamos mudar novamente, buscar um lugar que pudesse oferecer mais recursos para a sua família, assim decidiu que iríamos viver na praia. Mudamos de vida completamente.

No ano de 1992, finalmente nos mudamos para Jacaraípe, Espírito Santo. O caçula nasceu, com personalidade forte, criado cheio de mimos por mim. Como sou a mais velha, senti-me no dever de ajudar minha mãe nas obrigações familiares. Então, tive que cuidar dos mais novos, principalmente dele que ainda era o mais novo, por esse motivo creio que até pouco tempo atrás eu ganhava presentes nos dias das mães. Hoje é um homem forte e decidido.

Em busca de recursos financeiros, minha mãe abandonou a escola e decidiu ser costureira. Sem saber ligar uma máquina encarou essa empreitada com determinação. E foi dessa forma que até hoje garante a educação de todos da família. Meu pai sempre nos ensinou boas lições da vida, sua paixão por livros é a sua maior contribuição na nossa educação, seu maior sonho é publicar um livro, isso me inspirou muito a montar uma biblioteca em casa.

Minha infância foi ótima. Brinquei muito. Até os quatorze anos tenho lembranças de uma época muito boa. Cresci jogando bola na rua, brincando de pique esconde e queimada, não tínhamos televisão em casa creio que por esse motivo me sobrava muito tempo. Brincava muito com meus irmãos, essa era a vantagem de ter quatro e ainda ser a mais velha, sempre manipulava as brincadeiras; Lembro de que a minha favorita era imitar minha professora, montava uma espécie de sala de aula no fundo do quintal e começava a ensinar, podia ser quem fosse, meus irmãos as galinhas até o cachorro que tínhamos, eram todos alunos.

Sempre gostei de liderar, inventar coisas. Como não tínhamos muitos brinquedos minha mãe recorria a uma ferramenta muito valiosa: a nossa imaginação. E dessa forma transformava fatos ruins em belas aventuras. Nunca esquecerei as nossas caminhadas às seis da manhã na beira da praia pegando conchinhas, eu, meus irmãos, primos e vizinhos que brincavam na rua com a gente. Minha mãe inspirava-nos a sonhar de forma muito criativa, com as conchas do mar.

Também foi na infância que meus problemas começaram. Eu tinha muita dificuldade com a dicção falava muito errado. Não conseguia fazer amizades fora de casa; Dos poucos colegas com quem convivia na escola, tinha apenas uma amiguinha, que foi companheira dos oito aos doze anos. Depois disso nunca mais tive outra igual. Até hoje tenho dificuldades em estabelecer uma relação afetiva, são raras minhas amizades.

Sempre procurei ser a melhor da classe desde o primeiro ano. Às vezes era reconhecida pela vontade de aprender. Não frequentei boas escolas, mas alguns professores que cultivar a semente do saber em minha formação. Fiz as séries iniciais em Goiânia. Desse período não lembro muita coisa. Em Vitória fiz o ensino fundamental todo. Nesse período, dois grandes professores marcaram minha história: o professor de geografia e a professora de Português. Eu morava numa cidade do interior e não havia material didático nas escolas, mas esses professores eram extremamente criativos e faziam que aprendêssemos de forma efetiva.

Até hoje tenho dificuldade na fala e na escrita, especificamente na relação grafema-fonema. Isso faz com que eu troque as letras, principalmente aquelas que têm sons parecidos como: o D pelo T o M pelo N o B pelo P, tanto na fala como na escrita. São dificuldades que procuro combater, principalmente, depois do meu ingresso na Universidade.

Em julho de 1999, minha mãe veio à Brasília em busca de uma escola especial para pessoas com deficiência auditiva para poder matricular minha irmã e assim garantir sua educação. Por isso, em dezembro do mesmo ano, mudamos definitivamente para cá. Somente aos quinze anos de idade minha irmã começou a ler e a escrever algumas palavras, mas ansiosa para se comunicar. Sempre foi difícil compreender suas inquietações e angustias, talvez por não sabermos como lidar com essa situação. E, foi ela que em nove de maio de 2007, nos presenteou com um ser que mudou minha vida, meu sobrinho. Ele está com seis anos ainda, está na fase pré-operatória, um período maravilhoso em pleno desenvolvimento de suas habilidades cognitivas. Com ele, cada fase do desenvolvimento dele eu encaro de forma investigativa, faço experiências, instigo sua curiosidade, observo sua forma de solução de problemas. Sou muito próxima a ele e, assim, ele passou a ser minha fonte de inspiração nos assuntos acadêmicos referentes ao ensino, à aprendizagem e ao desenvolvimento infantil.

O meu Ensino Médio realizei aqui em Brasília. Nessa época tive a vida marcada por fatores que levo até hoje na minha formação acadêmica. Lembro que por estar acima do peso ideal, usar óculos e não ter amigos, fui motivo de chacota por parte dos meus colegas e eu me sentia muito mal. É o que se considera *bullying*. Os professores nem sabiam que eu existia; era somente mais uma aluna. Por ter um ensino deficitário nesse período, carrego dúvidas em muitas matérias até hoje. Entretanto, eu sabia que precisava estudar e sentia muita vontade de superar minhas dificuldades. E nada disso me impediu de chegar aonde eu cheguei, ao fim de um curso na UnB. Hoje sou voluntária em projetos de orientação vocacional na mesma escola que estudei.

Ser professora era um sonho antigo. Eu queria fazer o magistério quando cheguei à Brasília para entrar no Ensino Médio. Mas, o sistema educacional nacional havia mudado e não era mais possível. Então, decidi que tinha que fazer pedagogia. Restava-me o Programa de Avaliação Seriada da UnB (PAS). Procurei fazer alguns cursos de português para sanar a minha dificuldade com a gramática. Também me ajudou o fato de estudar muito em casa e sempre estar lendo, é uma coisa que faço até hoje por prazer. Os livros me encantam e me ensinam ao mesmo tempo.

Quando concluí o Ensino Médio, enquanto buscava um cursinho para me preparar para a UnB, me deram uma bolsa de estudo para fazer Filosofia na Faculdade Fênix em Santo Antônio do Descoberto – GO por eu saber Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), em troca prestaria serviços como intérprete. Cursei até o quarto semestre, não concluí, pois a cidade era muito longe. Deixei a faculdade e fui trabalhar em um

supermercado. Arrependo-me muito em deixar de estudar para trabalhar, mas com a situação da minha família, era preciso. Durante os quatro anos e meio trabalhando procurei fazer a faculdade algumas vezes, não conseguia por conta dos horários. Criei coragem pedi demissão. Decidi, a partir de então, investir tudo na minha educação.

Prestei um vestibular em faculdade privada para administração. No meu primeiro dia de aula foi sobre economia, sai logo da sala, não queria mais ser administradora. Passando pelo corredor da faculdade ouvi um professor falando sobre o desenvolvimento infantil no curso de pedagogia, estava explicando sobre as fases do desenvolvimento, fiquei encantada entrei e assistir a aula. Foi nesse momento que comecei a sonhar em ser uma doutora em desenvolvimento infantil.

Morava com meus pais no dia que eu falei que ia fazer pedagogia, meu pai não gostou muito da ideia, pois ele queria uma filha advogada. Mas minha mãe me deu apoio e incentivo e hoje já estou no final do curso. Agora ele fala que fiz uma boa escolha, percebeu que o mercado de trabalho está crescendo e o campo de atuação é grande. Cursei pedagogia até o quinto semestre numa faculdade privada. Adquiri uma boa base intelectual. Sou eternamente grata pelas condições que tive para construir parte do meu conhecimento nesse momento. O caminho ainda é bem longo, mas já começo a perceber que esse sonho está mais perto de se realizar.

Em 2010, meu atual namorado passou no vestibular em Mato Grosso para cursar Química. Mudamos e o acompanhei nos primeiros dias de aula. Mas, ao perceber que a vida naquela cidade apresentava mais dificuldades do que imaginamos, resolvemos fazer o vestibular para a UnB. Assim, com incentivos mútuos, estudamos juntos. No meu caso, fiz a transferência facultativa, realizei a prova e passei no mesmo vestibular da UnB que ele. Comemoramos juntos essa vitória, tanto eu quando ele somos os primeiro da nossa família a entrar em uma Universidade Federal. A alegria é enorme e sabemos a importância que temos em estar aqui, para nós e para a nossa família.

Nas outras instituições em que estudei, questionava muito meus professores e não aceitava qualquer resposta, sentia-me insatisfeita intelectualmente. Quando entrei na UnB as coisas mudaram muito. Conheci professores maravilhosos que exploraram o melhor de mim. Projetos que proporcionaram experiências incríveis. As minhas maiores conquistas foram: a publicação de um artigo na Revista Participação e apresentar o artigo no congresso internacional no Chile. Isso não tem preço!

Ao chegar no final do curso me deparei com a monografia, eu tinha uma certeza que iria falar sobre o desenvolvimento cognitivo. Mas, como o tema era muito amplo, foi necessário decidir o que, nesse processo desenvolvimental, era o que mais me mobilizava. A partir das reflexões realizadas à época do estágio supervisionado, cheguei a um tema que há muito tempo me despertava curiosidade: a relação professor-aluno. Comecei a observar e relatar episódios do cotidiano escolar e percebi, junto à minha orientadora de estágio, o quanto era apaixonante para mim ver, por um lado a atuação de uma professora maravilhosa e, por outro, o desenvolvimento das crianças na emergência da leitura e da escrita. Então pensei em juntar os dois temas a relação professora-aluno e os processos do desenvolvimento na aprendizagem escolar.

Assim se configurou os fundamentos para o estudo desta monografia. Com a minha orientadora, selecionamos a literatura, organizava minhas observações, elaboramos vários procedimentos e instrumentos empíricos. Gostei muito do que estava observando e aprendendo. Inclusive, aprendi com a dificuldade de encontrar um título. Realizei essa pesquisa de uma forma agradável e muito proveitosa.

Agora, desejo propiciar condições para que todos os educandos se desenvolvam de forma saudável na sociedade. Quero fazer por eles tudo o que tantos professores por quem passei deixaram de fazer por mim. Pois, é pela educação que um país se modifica. Não quero ser só uma boa professora, quero marcar a vida desses pequeninos, ajudá-los a construir seus próprios pensamentos, quero motivá-los, fazer com que se apaixone pela escola de uma forma natural e agradável.

INTRODUÇÃO

A criança em idade escolar muitas vezes espera que o professor seja mais que um canal que propicie conhecimento. Além de ensinar, o professor incentiva na criança um sentimento de carinho, afeto e principalmente, apego. É aí que chegamos no ponto ao qual pretendemos trabalhar. Acreditamos que, para o desenvolvimento na infância, é de extrema importância estabelecer um elo de confiança ao qual a criança passa a se sentir protegida e apta a aprender.

Como tudo na vida, esses processos são inesperados e tudo o que é novo assusta. O ideal é que haja uma intencionalidade pedagógica que possa estabelecer formas concretas que mobilizem a criança para a aprendizagem e que a experiência escolar seja mais efetiva e proveitosa na vida dessas crianças em processo de desenvolvimento. Cansamos de ver ou escutar que a afetividade é importante para o processo de desenvolvimento. Filmes, histórias, pesquisas que abordam o tema, ressaltam a importância de estabelecer uma relação entre criança e professor para um resultado positivo na hora de aprender.

O presente trabalho monográfico baseia-se em uma experiência vivenciada em sala de aula durante o estágio supervisionado no ano letivo de 2012, presenciando, de forma rica, a dinâmica na construção das relações afetivas e suas várias fases e facetas. No primeiro momento, foi possível visualizar a preocupação da professora de uma turma de segundo ano em construir essas relações, vínculos afetivos e interações construtivas. Ela era alegre e paciente, as atividades e a didática favoreciam as relações afetivas entre as crianças e objeto da aprendizagem. Percebíamos que as crianças eram motivadas a aprender e presenciávamos saltos evolutivos no domínio da leitura, da escrita, da matemática e nas habilidades de raciocínio para compreender os novos conhecimentos.

Até o meio do ano letivo, as crianças estavam em um processo de alfabetização muito bom. Porém, com o excesso de eventos corridos na escola, junto à greve e as novas demandas institucionais de reposição, acúmulo de conteúdo etc, houve uma interferência no fluxo das aprendizagens. Aparentemente, poderíamos dizer que o desenvolvimento da aprendizagem escolar ficou estável. Apesar de não observarmos retrocesso no ritmo de aprendizagem ou domínio das linguagens aprendidas, também não observamos avanços. As aulas se tornaram mais objetivas, focadas no conteúdo e

nas atividades curriculares relativas aos eventos institucionais em detrimento da experiência socioafetiva que caracterizou as relações da turma no primeiro semestre.

A partir da experiência, passamos a nos questionar acerca da importância da relação professora-criança na potencialização da aprendizagem em sala de aula e seu efeito nas dimensões do desenvolvimento, enfatizando os processos como: escrita, leitura, linguagem e raciocínio. Como avaliar o desenvolvimento de crianças que iniciam o processo de escolarização em relação às práticas de ensino aprendizagem na escola? Quais os aspectos envolvidos no domínio da escrita, compreensão da leitura, compreensão dos comandos, solução de problemas, incluindo os problemas matemáticos, previsão/geração de hipóteses na leitura de um conto ou história, participação na realização das atividades, o ato de classificação e generalização, a questão da atenção, da memória e do desejo em aprender?

Sabemos que a criança nos anos iniciais passa por transformações rápidas, qualitativamente significativas e quantitativamente relevantes. São transformações de ordem física, cognitiva, afetiva e social. As experiências escolares parecem ser fundamentais para o funcionamento da criança nas relações com os outros, com o conhecimento do mundo e consigo mesma e para a própria trajetória escolar futura. Especialmente, porque o mundo da escrita oferece recursos ímpares para o desenvolvimento do pensamento conceitual, pois é a ferramenta essencial inclusive na aprendizagem do sistema de notação numérica.

As relações estabelecidas com o professor nessa fase também vão contribuir de forma favorável aos alunos, pois quando há um vínculo estabelecido entre o professor e a criança há um interesse maior na hora do aprender. Vemos hoje que fatores como excesso de alunos em sala falta de estrutura, professores sobrecarregados e falta de vínculo afetivo tanto dos professores como da família, etc. tem prejudicado muitas crianças na construção do saber. A falta de afetividade por parte de alguns professores também prejudica no desenvolvimento cognitivo de algumas delas.

A proposta do trabalho é investigar a importância dessas relações no desenvolvimento da aprendizagem, incluindo a visão da própria criança. Pretendemos, com esse estudo, aprofundar o conhecimento sobre a construção das relações professor – aluno no processo de alfabetização da criança em contexto escolar.

Como objetivo geral, nos propomos investigar como as relações dentro da sala de aula influenciam no desenvolvimento da aprendizagem escolar no olhar da própria criança analisando: (a) como veem a escola; (b) como veem o professor; (c) quais as

expectativas que têm em relação ao ambiente escolar; (d) como constroem essas relações e (e) como essas relações participam no desenvolvimento da aprendizagem e no processo de constituição de si. Como objetivos específicos, decidimos (1) Identificar práticas formais e informais de sala de aula que atuem de forma significativa na qualificação subjetiva da aprendizagem das crianças; (2) caracterizar o processo de significação da aprendizagem escolar na perspectiva da criança em escolarização; (3) Analisar os efeitos de práticas dialógicas de ensino na potencialização da aprendizagem dos conteúdos escolares e no desenvolvimento e (4) identificar indicadores que atuam na constituição de si, levando em consideração a relação entre as dimensões sociais, cognitivas, afetivas e psicomotoras do desenvolvimento infantil no contexto de práticas pedagógicas específicas.

CAPÍTULO 1

INFÂNCIA, DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E OS PROCESSOS ESCOLARES

1.1.Contexto histórico da infância

De acordo com Ariès (2006) a infância é uma categoria particular na sociedade e tem sido tratada de forma diferenciada dentro do contexto histórico desde a antiguidade. Não havia lei que assegurassem o bem estar das crianças pobres, que sofriam vários tipos de exploração e abusos incluindo pelos próprios pais. Já as crianças favorecidas tinham melhores garantias de educação e, dependendo da influencia da família, um futuro promissor para o Estado. As crianças eram divididas de acordo com a idade em três grupos, que nos termos atuais identificamos como primeira infância, jovem criança e adolescência. Entretanto, na idade média são raros os registros referentes à infância. As representações que chegaram até nossos dias dão a entender que eram adultos em miniaturas compartilhando os mesmo cenários que adultos, e temos o sentimento de que estavam abandonadas e seus destinos incertos. Na idade moderna, as crianças passam a ser retratadas de forma diferente. Representações surgem primeiramente em retratos familiares aparentando ter um papel importante no seio familiar. As famílias já começaram a se preocupar com a formação e com seus estudos ao mesmo tempo em que surgiam profissionais para trabalhar com as crianças. Há um olhar romântico para a infância e, com isso, as famílias começavam a promover cuidados especiais para o desenvolvimento de seus filhos (ARIÉS, 2006).

As “idades da vida” ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média.(...) A idade do homem era uma categoria científica da mesma ordem que o peso ou a velocidade o são para nossos contemporâneos. Pertencia a um sistema de descrição e de explicação física que remontava aos filósofos jônicos do século IV A.C que fora revivido pelos compiladores medicáveis nos escritos do império Bizantino, e que ainda inspirava os primeiros impressos de divulgação científica no século XVI. (ARIÉS, 2006, p. 5)

O nome, o sobrenome e a idade tornam-se documentos de identificação. Nesse período pintores da época passam a registrar nos retratos o cotidiano familiar, representando as famílias, com o marido a esposa e as crianças que ganham espaço nos

retratos, que são transformados em documentos familiares por estarem representando a precisão cronológica e o sentimento familiar. Surgem as chamadas idades da vida que são divididas em infância, puberdade/ adolescência, idade adulta e velhice/terceira idade. ARIÈS (2006) relata que a divisão das idades variava ao longo da história, e em um determinado momento, era calculado por tempo de quatro em quatro anos.

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o surgimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significava o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade infantil, que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. (ARIÈS, 2006, p. 99).

Os retratos são considerados fatores importantíssimos para a reconstrução da infância. No começo do século XV começam as análises das gravuras, não se falava em infância eram adultos em miniatura, não apareciam em gravuras sozinhas, suas falas não eram levadas em conta. Somente a partir do próximo século, a infância começa a ser retratada de modo diferenciado, pois surge a preocupação do bem estar infantil. A infância passa a ser associada aos primeiros anos de vida, e eram retratadas brincando em meio à natureza. Na infância não havia uma diferenciação entre os meninos e as meninas. Somente alguns séculos depois os meninos passaram a ter trajés diferenciados e a se vestirem como os adultos. Os acessórios, além de diferenciar a idade, também caracterizam a diferença de gênero, as classes sociais e a cultura que estão inseridos.

No século XVII, não parece haver uma diferença clara entre as brincadeiras infantis e idade das crianças, e a música passa a ser bem presente como forma de brincar, assim como a dança. Os adultos também participavam de determinadas brincadeiras, pois havia tempo para o ócio. Em algumas culturas, essas brincadeiras se tornaram tradição. As celebrações tornaram-se um contexto importante para as brincadeiras e atividades infantis. Com o tempo, os jogos foram se personalizando de diferentes modos, brinquedos, brincadeiras, danças, músicas, jogos de azar e categorias ou modalidades de atividades e esportes se tornaram mais específicas. Brincadeiras e modalidades, por ser uma construção cultural, também passam a ser classificadas moralmente e divididas por classes sociais. Os contos, também, passam a fazer parte da infância, e à medida que a infância era pensada os contos eram modificados, tanto na forma da linguagem da narrativa como no seu conteúdo.

Ariés (2006) menciona que a sexualidade passa a ser referida no final do século XVI, pois não era imoral. Até os sete anos não havia pudor nem uma preocupação sobre o tema relacionado às crianças. No começo do século XVII passou a haver uma preocupação em proteger a criança da exposição à determinadas vivências da vida adulta. Começa então uma reformulação na forma pelo qual a sociedade percebia as questões infantis. O pudor passa a ser vigiado e controlado pelos adultos. As crianças não ficavam mais a sós entre elas, havia maior controle e surgia a preocupação com a decência e a moral, criando assim regras para assegurar os impulsos infantis.

A periodização do desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital é um fenômeno recente. Para os antropólogos, a idade não tem muita importância em algumas culturas e não necessita ser lembrada a todo tempo. Ao contrário das civilizações com uma organização mais técnica do trabalho, em que o dia do nascimento passa a ser lembrado e até celebrado. A prática da ciência em algumas civilizações coincide com a atribuição de importância à data de aniversário de uma pessoa, principalmente na fase adulta. Então, ao longo da história, a idade passou a representar a marca biológica mais importante do desenvolvimento do ser humano, ou seja, a idade como um símbolo do amadurecimento. Então, em termos psicológicos e desenvolvimentais, como são compreendidos os processos de desenvolvimento da pessoa desde o nascimento até a morte? E qual é o papel da educação atual nesses processos?

1.2. Definição de desenvolvimento humano

O desenvolvimento humano é o estudo científico da mudança e da continuidade durante todo o ciclo humano da vida. São estudados no campo desenvolvimento dois tipos de mudanças: a quantitativa, que está relacionado em altura, peso e extensão de vocabulário; a qualitativa ocorre de forma estruturada e organizada, mudanças como a não verbal para a verbal (COLE; COLE, 2004; PAPALIA, 2006).

Para essas mudanças qualitativas, são imprescindíveis o convívio social interpessoal. Nesse processo podemos observar o estudo de caso com o do menino selvagem de Aveyron, que foi privado de interação social com outros humanos na infância, as habilidades da fala não se desenvolveram. Quando foi introduzido à sociedade, a comunicação humana não fazia nenhum sentido para ele, e o excesso de palavras o deixava confuso. Com a mediação de Jean Mare Gaspard Itard e seus métodos didáticos, o menino aprende a se comunicar de forma muito rudimentar e com

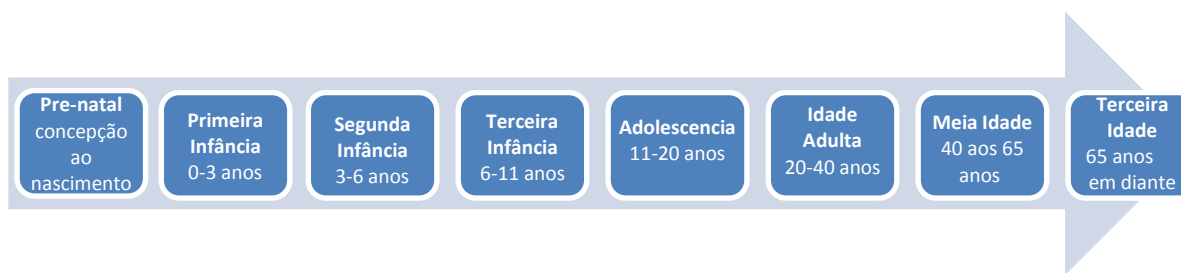
muitas limitações. Dependente de outro, compreende que não poderia viver no novo mundo sozinho, e que precisava da ajuda de alguém, do mediador que pudesse apresentar esse mundo a ele.

Essas questões ilustram a importância de compreendermos a relação entre aprendizagem e desenvolvimento. Pois, assim também é uma sala de aula. É pela convivência com outros que se estabelecem as regras sociais e mentais, como compreender um novo mundo de decodificação de letras e símbolos que medeiam o funcionamento do mundo e a socialização do mesmo. Diferente do menino selvagem, uma criança no mesmo período de desenvolvimento biológico que cresce na sociedade compreende o que está em sua volta, é funcional culturalmente.

Autores do desenvolvimento humano como Cole e Cole (2003) e Papalia (2006) entre outros, mencionam que desde o século XIX há muitas discussões sobre o que é natural e o que é cultural, isto é, se adquire com as experiências culturais, um debate sobre o que são características inatas do desenvolvimento e o meio externo influencia nas tomadas de decisões. Os estudos do desenvolvimento humano representou uma nova ciência na psicologia, defendendo que as pessoas podiam entender a si mesmas partindo das influências que possuíam durante a infância. Com a realização desses estudos ao longo do século XX, hoje se considera que o desenvolvimento é vitalício, que este depende da história e do contexto em que a pessoa está inserida, e que o desenvolvimento é multidimensional e multidirecional e é também flexível ou plástico.

Existem três dimensões a considerar no desenvolvimento humano segundo Papalia (2009): o primeiro é o desenvolvimento físico, que se caracteriza pelo crescimento do corpo e do cérebro, das capacidades sensoriais e nas habilidades motoras; o segundo, o desenvolvimento cognitivo, que são habilidades mentais como as aprendizagens, a memória, linguagem, pensamentos, raciocínio moral e criativo e o terceiro desenvolvimento psicossocial, são mudanças na personalidade nas emoções e nas relações sociais e estão interligados. Assim o desenvolvimento se torna um processo unificado ao longo da vida. Estão estabelecidos períodos ao longo da vida, que foi denominado por Teoria do Ciclo Vital.

Figura 1 – Períodos do desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital (Papalia, 2006)



Há um consenso entre os cientistas de que o que diferencia uma pessoa da outra são as relações que são influenciadas pelas adversidades internas e externas de forma indissociável entre o desenvolvimento biológico e a hereditariedade, por influência do ambiente e da maturação do corpo e do cérebro.

A principal influência contextual para o desenvolvimento na infância está baseada na família nuclear, que são unidades doméstico econômica e de parentesco entre gerações compostas pelos pais e seus filhos biológicos ou adotivos. Com o passar dos anos esse quadro mudou e surgiu a família com uma extensa rede de parentesco entre muitas gerações compostas por pais, filhos e parentes mais distantes, às vezes vivendo juntos no mesmo lar.

Outro fator que devemos considerar no processo de desenvolvimento é a condição socioeconômica na qual o indivíduo está incluído. Pesquisas demonstram que esses fatores vão contribuir não somente no desenvolvimento psicossocial, mas também no cognitivo, especialmente o emocional, entre outras como as práticas educativas a concepção do mundo e de sociedade. Nesse processo, também temos a cultura e a etnicidade, cujas práticas sociais e culturais canalizam o modo pelo qual as crianças vão se desenvolver tais como: as crenças, a “raça” e a língua. São os valores que são repassados de pai para filho, neste processo tem que ser lembrado que há várias uniões entre pessoas e etnias diferentes e a criança acaba por se adaptar nesses novos padrões.

Retomando o caso do menino selvagem de Aveyron, podemos observar que muitos se esses processos acerca do desenvolvimento estão ausentes na primeira e segunda infâncias de forma intensa e determinante para o futuro desenvolvimento cultural e biológico da criança. A criança na terceira infância que foi privada dessa trajetória anteriormente possivelmente encontra dificuldades em se adaptar e aprender. Há tipos de processos que ocorrem ao longo do desenvolvimento humano que são os normativos, por idades, que incluem eventos biológicos e fixos. Há outros processos relativos às condições da sociedade que são normativos históricos, e há os não

normativos, eventos não aqueles que são inesperados mas que causam um grande impacto na vida do indivíduo.

1.3. Caracterização do desenvolvimento até a terceira infância

O indivíduo não é simplesmente uma resposta do desenvolvimento, mas também um formador. A tabela abaixo representa algumas considerações dos estudos em desenvolvimento humano (PAPALIA, 2009).

Tabela 1 – Estágios de desenvolvimento até a terceira infância segundo Papalia e col. (2009)

Períodos de desenvolvimento	Desenvolvimento físico	Desenvolvimento cognitivo	Desenvolvimento psicossocial
Pré-natal	Interações ambientais, formação dos órgãos corporais básicos. Crescimento cerebral; responde aos estímulo sensórios.	As capacidades de aprender e lembrar estão presentes durante a etapa fetal.	O feto responde à voz da mãe e desenvolve uma preferência por ela.
Primeira infância: nascimento aos três anos	Os sentimentos funcionam em graus variados; cérebro: funções complexas e sensíveis às influências ambientais. Desenvolvimento físico e das habilidades motores.	Aprender e lembrar estão presentes logo nos primeiras semanas. Símbolos e resolução de problemas no segundo ano de vida; compreensão e uso da linguagem se desenvolve rapidamente.	Apego aos pais e a outras pessoas; desenvolvimento da autoconsciência, mudança de dependência para a autonomia aumenta o interesse por outras crianças.
Segunda infância: três aos seis anos	O crescimento é constante. Diminui o apetite e surge problemas com o sono, desenvolvimento da lateralidade e preferência pelo uso de uma das mãos, habilidades motores finas e força aumentam.	Aparecimento do pensamento egocêntrico (Piaget). Compreensão limitada do ponto de vista de outra pessoa, pensamento sincrético, início da categorização em desenvolvimento. A memória e a linguagem se aperfeiçoam e o raciocínio lógico passa a ser mais presente.	Autoconceito, autoestima e compreensão da emoção globais. Aumenta a independência e a iniciativa. O autocuidado consigo mesmo. Identidade de gênero. Brincadeiras são mais imaginativas, elaboradas e sociais. Altruísmo, agressão e temores são comuns. Família é o foco social, mas se relaciona com outras crianças. Ingresso na pré-escola.
Terceira infância: seis aos onze anos	O crescimento diminui, a força e habilidades aumentam a saúde geralmente é melhor.	O egocentrismo diminui; pensamento lógico de maneira concreta. Aumenta as habilidades de memória e linguagem, influência da educação escolar no desenvolvimento cognitivo. Surgimento de habilidade e talentos educacionais especiais.	O conceito de si mesmo torna-se mais complexo influenciando a autoestima. Há controle dos pais e os amigos tem importância central.

Segundo Papalia e colaboradores (2009) a ida para a escola na segunda infância é muito importante, pois a criança amplia seu círculo de convivência o que causa impacto nos processos físicos, cognitivos e sociais. A terceira infância, fase subsequente, é caracterizada como fase mediana. É um período de transição em que a criança começa a se diferenciar de outras crianças com maior discernimento. Não se considera mais “pequena” como aquela dois ou três anos mais nova, porém percebe ser menor do que as crianças de onze anos, a qual se parece com os adultos. Nessa etapa ocorre troca dos dentes, variações no sono, há uma intencionalidade maior na comunicação discursiva há também o domínio da linguagem. Vivenciam atividades mais sistematizadas tanto em casa como na escola: responsabilidades domésticas, atividades físicas e atividades escolares. O lúdico no recreio, por exemplo, contribui para a adaptação escolar.

Na terceira infância, o desenvolvimento físico é mais lento e as habilidades cognitivas passam a ser dominantes. A criança compreende melhor alguns conceitos como, por exemplo, o raciocínio espacial, as noções de causa e efeito, categorização, seriação e interferência transitiva do raciocínio indutivo e dedutivo, a conservação e a habilidades com os números e cálculos matemáticos. Seleciona e focaliza informações com mais atenção e acuidade, pois há um aumento da atenção seletiva e essas mudanças facilitam a metamemória.

À medida que as crianças atravessam os anos escolares, fazem progresso contínuo nas capacidades de regular e manter a atenção, de processar e reter a informação e de planejar e monitorar seu próprio comportamento (PAPALIA 2009, p. 355).

Na linguagem a criança compreende o significado das palavras, mesmo aquelas polissêmicas, que têm mais de um significado como no caso da “manga”. Usam as regras de sintaxe e orações subordinadas. Conseguem identificar as palavras com maior complexidade. A aprendizagem da leitura nesse período ocorre mediante processos de decodificação e de significação, recuperação com o apoio visual e abordagem fonética. Segundo Papalia toda a criança é capaz de ler e escrever uma vez inserida nessas práticas culturais, ou seja, a representação escrita da fala torna-se parte do seu desenvolvimento por ser parte das mediações sociais. A escrita acompanha o processo

de leitura. O contato com a escola indiscutivelmente passa a fortalecer e enriquecer as habilidades cognitivas e, principalmente, a linguagem.

Na escola, as crianças obtêm conhecimento e competência social, desenvolvem seus corpos e mentes e preparam-se para a vida adulta. Em todo mundo, mais crianças estão indo para a escola do que jamais ocorreu antes. (...) As experiências dos primeiros anos escolares são críticas para o estabelecimento da base para o futuro sucesso na escola e na vida adulta. (PAPALIA, 2009, p. 366).

As expectativas sociais nessa idade são intensas com a primeira experiência na escola, a qual se torna a base para o desenvolvimento posterior da criança de forma duradoura. A participação dos pais nessa etapa da vida e principalmente no processo de alfabetização está em promover um bom ambiente de aprendizado.

Papalia (2009) considera que o desenvolvimento da criança na terceira infância se dá em função de um conjunto de fatores como: (a) a participação efetiva dos pais nos primeiros anos da escolarização tem efeitos significativos na motivação, uma vez que, pode ser fonte de segurança à criança, tanto no plano afetivo quanto no plano socioeconômico; (b) as condições socioeconômicas se constituem no fator importante, por proporcionar um ambiente estável que favoreça a aprendizagem; (c) a aceitação da criança pelos colegas atua na construção da autoestima favorecendo o seu desempenho escolar; (d) o sistema educacional proporciona condições para que a criança possa desenvolver suas habilidades com segurança e criatividade; e (e) a adequação dos recursos didáticos que favoreçam um bom rendimento escolar.

Nessa fase a criança consegue julgar os vários conceitos acerca do *self*. Erik Erikson caracteriza o desenvolvimento do *self* nesse período pelo confronto entre dois estados psicológicos: iniciativa *versus* inferioridade. Nesse período a criança aprende habilidades que vão ser utilizadas em sociedade e há um “amadurecimento” no plano emocional. A relação afetiva entre pais e filhos vai garantir que cresçam mais seguras de si. Pois a estrutura familiar tem influências importantíssimas no processo de desenvolvimento, principalmente na atmosfera doméstica. Nesse processo muitos fatores podem ser prejudiciais para o desenvolvimento da criança. O grupo de colegas vai se tornar importante, contribuindo na aquisição das habilidades sociais, há uma intimidade maior na amizade e nesta fase o *bullying* está mais propício. É uma fase onde as relações sociais são mais intensas.

Segundo o princípio da profecia autodeterminada, as crianças correspondem às expectativas - positivas ou negativas - que as outras pessoas têm em relação a elas.(...) É por isso que os primeiros registros no histórico de um aluno podem ser tão importantes. O desempenho pode tornar-se autoperpetuador por alimentar as expectativas do professor por sua vez, influenciam o desempenho do aluno. (...) Alunos com fraco desempenho são especialmente sensíveis à influência das percepções positivas dos professores. (PAPALIA, 2006, p. 373)

Estudos mostram que as chamadas profecias autodeterminadas feitas pelo professor em relação a alguns alunos pode favorecer o desenvolvimento das aprendizagens, pois trata-se do desempenho da criança alimentada pela perspectiva do professor.

1.4.Abordagens do desenvolvimento humano

O desenvolvimento humano tem sido caracterizado no desenvolvimento da ciência clássica basicamente sob duas visões principais: a quantitativa representada pelo pensamento de sociedade defendido por Locke, e a qualitativa, defendido pela visão de sociedade defendida por Rousseau. O primeiro é representante do modelo mecanicista de conhecimento. A partir dele, o desenvolvimento pode ser considerado como uma série de respostas passivas e previsíveis aos estímulos externos. O que séculos mais tarde se configurou na teoria da análise comportamental de B. F. Skinner, a partir de quem se compreende que o desenvolvimento se dá por meio da experiência cotidiana de condicionamento. Por outro lado, Rousseau considerava o desenvolvimento como uma sequência de estágios qualitativamente diferentes e vê a pessoa mais ativa nesse processo, que passou a ser defendido mais tarde pelos construtivistas.

Então, a teoria de John Locke considera que a criança é como uma “tabua rasa” e que é a partir das experiências que ocorre o desenvolvimento. A teoria de Jackes Rousseau onde a criança se desenvolve sozinha, explorando o mundo do seu próprio jeito. Dessa forma, a maturação é um processo sequencial que ocorre do nascimento à morte, independe de praticas ou treinamentos, é algo natural da vida, embora reconheça que as experiências externas são cruciais para o desenvolvimento intelectual (BEE, 2011).

A partir dessas duas visões, podemos mencionar algumas das teorias que tiveram impacto significativo na compreensão do desenvolvimento humano: o

pensamento psicanalítico está representado pela psicanálise de Freud e pela teoria do ciclo vital de Erikson. Esses influenciaram a noção de que o desenvolvimento ocorre por impulsos e conflitos emocionais inconscientes e abordaram a sexualidade como fator importante no desenvolvimento humano. Logo, o cognitivismo desenvolvimental de Jean Piaget investigou o desenvolvimento do pensamento em relação ao estágio de maturação. Na perspectiva evolutiva/sociobiológica do desenvolvimento, o indivíduo se adapta à sua realidade como forma de sobrevivência. Por fim, um conjunto de teorias mais recentes centra na importância do contexto para o desenvolvimento em uma visão sistêmica.

No processo de desenvolvimento humano, Bronfenbrenner identificou cinco sistemas que, interligados, envolvem o indivíduo no processo de desenvolvimento. São eles: (1) *Microsistema*: são as interações feitas no dia a dia; (2) *Mesosistema*: são ligações entre dois ou mais ambientes ao qual o sujeito está inserido; (3) *Exossistema*: é o ambiente que afeta a criança em desenvolvimento indiretamente, através de outros; (4) *Macrossistema*: estão baseados nos valores culturais, como a crença e os costumes; (5) *Cronossistema*: mudanças ambientais ao longo da vida.

No contexto do estudo do desenvolvimento humano é preciso que se tenha em mente cinco perguntas que fundamentam a pesquisa sobre o processo de desenvolvimento: (1ª) Em quem esse processo se baseia? Então, de quem falamos? (2ª) O que se pesquisa? O que se quer saber? O que se quer conhecer? Assim, poderemos encontrar formas de estudar o comportamento humano. (3ª) Quando notamos as mudanças? Em que período os percebemos? Isso faz parte de que momento da criança? (4ª) Onde se pode avaliar o desenvolvimento? Em que ambiente o sujeito está inserido? Que fatores devem ser levados em consideração? (5ª) E, por último, porque tudo isso acontece?

Partindo desse ponto, podemos compreender alguns processos do desenvolvimento humano. Entretanto, uma teoria não é uma norma rígida e, sim, uma referência. Alguns estudos focarão mais nos aspectos cognitivos, outros nos comportamentais e, outros ainda, nos contextuais. De forma geral, toda criança nasce com um aparato complexo que vai auxiliá-la a se comunicar e a se relacionar com o seu mundo. Entretanto, o papel do adulto é importante para que a criança possa estabelecer princípios básicos no desenvolvimento nos planos biológicos, psicossociais e intelectuais. É nesse ponto que reside as potencialidades da educação.

A seguir, apresentamos as teorias de desenvolvimento mais significativas no século XX para a compreensão do desenvolvimento da criança e para a educação: Jean Piaget, Lev S. Vigotski e Henri Wallon.

1.4.1. O desenvolvimento infantil no olhar de Jean Piaget (1896-1980)

Jean Piaget (1896-1980) foi um dos nomes que mais influenciou no processo de desenvolvimento infantil e das aprendizagens, e isso norteou a forma de se educar uma criança. Nascido em Neuchâtel, Jean Piaget começa muito cedo com as publicações de suas observações da natureza. Biólogo por formação, se interessa pelo desenvolvimento humano na primeira fase com os seus filhos. Dedicava sua vida a observar os processos de desenvolvimento humano principalmente de crianças, ao qual caracterizou por estágios e dividiu eles em: sensório-motor (0 a 2 anos); pré-operatório (2-7 anos); operações concretas (7-12 anos); operações formais (12 anos em diante).

No estágio sensório-motor, a criança reconhece o meio em que vive através da percepção e dos movimentos que vão evoluindo com o passar dos meses. Assim desenvolvendo fisicamente e adquirindo novas habilidades. No estágio pré-operatório começa a interação com o meio, o aparecimento da linguagem e o nascimento do pensamento simbólico. No estágio das operações concretas a criança começa a desenvolver o raciocínio lógico mediante experiências concretas. No estágio das operações formais há uma transição do pensamento concreto para o formal, ou seja, é capaz de formular hipóteses. Para Piaget, a personalidade começa nos oito anos de idade quando a criança começa a compreender o funcionamento das coisas ao seu redor. A partir desse momento, começa a projetar suas escolhas para o futuro.

A Epistemologia Genética consiste em identificar os diferentes estados e estruturas do conhecimento que o constitui como um processo de formação em diferentes estados (MONTROYA, 2004). Um dos conceitos essenciais foi compreender os esquemas, ações físicas e mentais que vão proporcionando através das experiências, pensamentos que ajudam, em determinadas situações, solucionarem problemas. É um processo onde ocorre uma organização de ideias que levam ao ato de deduzir uma determinada ação. Isso também é usado nos esquemas figurativos, são representações mentais dos objetos básicos no mundo.

No decorrer do desenvolvimento, a criança gradualmente adquire esquemas mentais extremamente complexos, tais como análise dedutiva ou raciocínio esquemático. De fato os seres humanos continuam a adquirir novos esquemas, tanto físicos quanto mentais, durante toda a vida (BEE, 2011 p.168).

O processo de equilíbrio consiste no desenvolvimento dos processos e esquemas cognitivos em três subprocessos: a assimilação, a acomodação e a adaptação ou equilíbrio. A criança que está em constante processo de aquisição do conhecimento, levando em conta aquilo que já possui. Esse é um processo dinâmico que implica aperfeiçoamento ou simplesmente mudança com o decorrer das experiências. Nesta perspectiva, a criança desenvolve e aprende conceitos cada vez mais abrangentes, incluindo a transmissão social, que é aquilo que a criança adquire na experiência com outras pessoas. Assim ele definiu os processos de estágio.

Os estágios do desenvolvimento são caracterizados pelas ações das crianças categorizadas em faixas etárias. Na visão de Piaget sobre as operações concretas vão descobrir que, a criança nessa fase, começa a fazer as inclusões de classe e usar a lógica indutiva e dedutiva. Piaget utilizou um termo chamado “decalagem horizontal” que se refere ao fato das crianças serem capazes de desenvolver alguns tipos de problemas, operacional do que outras. Aquilo que pode ser fácil para o adulto pode ser complexo para uma criança de nove anos de idade.

No ato de memorização, alguns estudos indicam que crianças não conseguem utilizar de estratégias para se lembrar de coisas, porém, crianças na idade escolar já utilizam mecanismo como: decorar, agrupar, elaboração e busca sistemática, para processar e armazenar informações. Piaget achava que as crianças aplicam amplas formas lógicas a todas as experiências. Nessa fase a criança consegue criar mecanismos diferenciados com novas estratégias a medida que as antigas falham. As teorias de Piaget se dirigem pela forma como as crianças pensam em torno do mundo.

Sua teoria contribui tem como referência a interação do sujeito com o objeto, o que permite que possamos acompanhar o processo de desenvolvimento na primeira infância. Para Piaget conhecer os processos e mecanismos intelectuais envolvidos na aprendizagem dos conteúdos, é de fundamental importância na área pedagógica, pois eles deixam de ser transmitidos e passam a ser compreendidos. Piaget tem importância histórica inegável no estudo do desenvolvimento cognitivo no ocidente. Foi quem mais contribuiu para que, hoje, pudéssemos entender melhor o desenvolvimento infantil.

A partir de Piaget, vários psicólogos começaram a estudar a gênese da inteligência. Para o psicólogo John Flavell (BEE, 2011) há dois níveis de capacidade: no primeiro nível, há a imitação que envolve a observação da criança e a imitação do que foi observado. Em um segundo nível, ela já compreende os critérios da ação do outro e, ao imitar, segue os critérios estabelecidos para a ação de forma consciente. Outra percepção de Flavell foi a aparência e a realidade, onde crianças de até três anos de idade não compreendem ainda o que é falso ou que é verdadeiro é “o princípio da falsa crença”.

As teorias denominadas de neopiagetianas afirmam que a criança de sete anos tem mais capacidade de armazenar e processar informações, do que uma de quatro anos. Porém, se a criança de quatro anos for estimulada em um determinado aspecto, é possível que sua possibilidade de desenvolvimento seja muito maior do que o processo natural do desenvolvimento cognitivo.

1.4.2. O desenvolvimento segundo Lev Semeniovich Vigotski (1896-1934)

Lev S. Vygotsky, teórico soviético, viveu no momento histórico da Rússia pós-Revolução. Contribuindo na tarefa intelectual juntamente com seus colaboradores, na tentativa de reunir uma explicação do funcionamento psicológico e o desenvolvimento do indivíduo no processo sócio-histórico, de abordagem qualitativa, buscando uma construção, uma nova psicologia que pudesse sistematizar duas tendências presente na época a “psicologia como ciência natural” e “psicologia como ciência mental.” Foi professor e pesquisador nas áreas de psicologia, pedagogia, filosofia, literatura, dentre outras áreas. Mantinha intensa vida intelectual fazendo parte de vários grupos de estudos, fundando uma editora e uma revista literária. Coordenando o setor de teatro do Departamento de Educação de Gomel e editando a seção de teatro do jornal local.

Escreveu aproximadamente 200 trabalhos científicos desde temas como a neuropsicologia até crítica literária passando por deficiência, linguagem, psicologia, educação e questões teóricas e metodológicas relativas às ciências humanas. Seus pensamentos básicos estão caracterizados em três pilares: (1) as funções psicológicas têm um suporte biológico, pois são produtos da atividade cerebral; (2) o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre indivíduo e o mundo exterior, aos quais se desenvolvem num processo histórico; (3) a relação homem/mundo é uma relação mediada por sistema simbólico.

Para Vigotski (1999), todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro no nível social, e depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança. Ou seja, esse processo ocorre devido ao meio cultural ao qual ele está inserido, ele passa a conhecer o que está em sua volta, ou o que está inserido dentro dele, as concepções que possam levá-lo ao ato de representação, pensando que o indivíduo se socializa com seu meio, aprendendo suas colocações, interagindo com o mesmo, e logo ele passando para o segundo processo de representação simbólica, que por através dos conhecimentos adquiridos, irá transmitir aos outros em sua volta esses simbolismos.

A escola é principal condutor do conhecimento científico. Criou o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ou iminente) que define a distância entre o nível de desenvolvimento real do potencial. Isto é, parte-se da capacidade de um sujeito em solucionar um problema sozinho na direção das capacidades potenciais, que são aquelas em que o sujeito ainda precisa do outro. O nível de desenvolvimento potencial ocorre através da resolução conjunta ou mediante a mediação de alguém. Ocorre no enfrentamento de situações ou conhecimentos novos. É por meio da zona de desenvolvimento proximal que se dá o processo de desenvolvimento mediado pelas relações em ambiente sociocultural. Essa perspectiva do desenvolvimento permitiu compreender como a criança aprende com outras pessoas e tende a executá-las mais tarde sozinhas.

(...) o processo de aprendizagem deve ser olhado por uma ótica prospectiva, ou seja, não se deve focalizar o que a criança aprendeu, mas sim o que ela está aprendendo. Em nossas práticas pedagógicas, sempre procuramos prever em que tal ou qual aprendizado poderá ser útil aquela criança, não somente no momento em que é ministrado, mas para além dele. (FIOCRUZ, 2004, p.4).

Esse processo é bem executado na escola, nela iremos encontrar indivíduos que vão fortalecer e ajudar no processo de desenvolvimento e aprendizagem. Temos a presença de papéis importantes, o professor que vem fazendo mediações e intervenções, ou até mesmo induzindo a aluno a pensar (OLIVEIRA, 2009).

1.4.3. O desenvolvimento no olhar de Henri Wallon (1879-1962)

Henri Wallon (1879-1962) foi um médico/psiquiatra, psicólogo e educador francês que, assim como Vigotski, defendeu uma ciência de base marxista em oposição ao racionalismo cartesiano dominante no pensamento positivista. Sua teoria é considerada muito complexa, pois busca compreender o desenvolvimento infantil pelo seu ambiente levando em consideração os processos afetivos da relação da criança com o outro social significativo. Ele se interessa pelo saber, a mente, o cérebro por funções mentais, tais como: a memória, afetividade e o comportamento. Afirmava que o ser humano é organicamente social, onde cada um se torna o que é, constitui sua identidade e seu conhecimento nos relacionamentos sociais. Somos sujeitos a partir do outro, por sua mediação, ou seja, pela linguagem que se coloca entre nós e o mundo (NASCIMENTO, 2004).

Wallon propõe três conceitos que se entrelaçam ao longo do desenvolvimento da criança: a afetividade, a motricidade e a cognição. No período inicial do desenvolvimento no recém-nascido predomina a afetividade. Wallon chama esse período de impulsivo-emocional. Os movimentos e reflexos são impulsos usados para comunicação, visto que os adultos vão interpretar seus gestos corporais para entender suas necessidades. A possibilidade de afetar e de ser afetado nas relações predomina nesses momentos, estabelecendo o chamado “diálogo tônico”, ou seja, uma espécie de conversa entre o bebê e o adulto não só por meio das palavras, mas do tônus corporal, expressões, gestos e contatos.

Aos poucos a criança passa a entender quem é ela e quem é o outro por intermédio das relações de fala e movimentos dos adultos, a criança compreende o processo de imitação, que se torna importante nessa fase. Tentando copiar os movimentos da mãe na hora de tentar falar, andar, às vezes até manias absorvidas a criança ganha novos movimentos e enriquece o seu repertório a possibilidade simbólica de representar ações e objetos ausentes do seu campo perceptivo. Wallon denomina os primeiros movimentos, como características da fase sensório-motor projetivo, compreendendo aproximadamente o período de dois a quatro anos de idade.

As primeiras ideias mentais das crianças nascem em seus movimentos, com o passar dos anos o deslocamento do corpo mostra cada vez mais segurança, gerando o ato mental. Nesse período, a motricidade vai sendo inibida pelo ato mental e pelas concepções cognitivas, que se tornam dominantes na atenção da criança. É importante mencionar que o ato motor e o ato mental relacionam-se e mesmo o ato mental inibindo

o ato motor, este não deixa de ser uma atividade corpórea. Começamos a notar uma economia do movimento quando o ato mental ganha espaço.

Para Wallon, aos quatro anos surge o período de emergência da personalidade, caracterizado por um intenso negativismo da criança, uma rebeldia, as respostas são representadas com a palavra 'não'. Isso é reflexo da busca da criança pelo o que quer e de quem ela é, como se pela expulsão do que há de alheio dentro de si a criança pudesse construir o seu "eu". A criança também busca, nessa fase, a admiração do adulto no sentido de tentar fortalecer o olhar de admiração do adulto sobre si, é comum nessa fase que a criança realize gracinhas para ser reconhecida e receber elogios.

Por fim, Wallon descreve que no período categorial (dos sete anos de idade) há existência de um domínio cognitivo maior, oferecendo bases para que se desenvolvam as ações mentais de explicar e definir objetivamente o mundo, a criança busca a melhor compreensão do mundo a sua volta afim de compreendê-lo (NASCIMENTO, 2004).

1.5. Práticas escolares, processo de alfabetização, a criança no início de escolarização

A alfabetização é um processo pelo qual a criança aprende a codificar os simbolismo linguísticos da escrita de uma determinada sociedade, para Tfouni (2000), esse processo nunca se completa por causa da sociedade que esta em constante processo de mudança. No processo de alfabetização são utilizados métodos e práticas de junções silábicas, de memorização, de sons e copias para aquisição do conhecimento.

Outros formas podem também ser utilizadas como ferramentas pedagógicas, depende do professor e de como ele as utiliza, muitos professores que estão atuando a muito tempo no processo de alfabetização, acabam por criar seus próprios ritmos na sala de aula, com base no modelo tradicional, ele cria e inova essa prática pedagógica a seu favor. Assim com essas novas práticas vão se inovando e aperfeiçoando as formas de alfabetizar as crianças. CARVALHO (2008) afirma que existe lugar para a criatividade, pois não são somente as crianças que constroem o conhecimento.

Para Carvalho a sala de aula é aonde as crianças, em processo de alfabetização, devem assimilar novas regras e aprender a viver em grupo.

A turma tem vida social intensa, alianças se formam e se desfazem, surgem afinidades e antipatias. Há conflitos e disputas, a professora é ao mesmo tempo mediadora, juíza, apaziguadora, estimuladora,

autoridade responsável pela segurança física, animadora da aprendizagem, ombro amigo e, às vezes, mãe substituta. Além disso, tem que ensinar a ler e escrever. (CARVALHO, 2008, P. 17).

A sala de aula é um ambiente social em que ocorrem trocas de saberes, é um lugar com etnias, crenças e cultura diferentes compartilhando o mesmo espaço em busca do conhecimento, ou seja, do aprender a ler e a escrever. A professora então descobre suas inúmeras funções.

1.5.1. Métodos no processo de alfabetização.

Marques (2007) apresenta uma categorização dos métodos de alfabetização segundo os processos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita. Os primeiros métodos da alfabetização são associados a um processo de síntese que consistiam em práticas de soletração, do fônico e do silábico. Outro processo é a análise, em que a escrita é entendida como representação da linguagem oral por meio de associações entre a fala e a escrita das palavras como um todo. Há também o método construtivista representado por Emília Ferreiro que defendeu o desenvolvimento da língua escrita segundo os processos de ação e interação na abordagem da psicogênese de Piaget. Paulo Freire propôs a leitura do mundo como forma de alfabetizar, partindo do meio social em que o sujeito está inserido. Luria e Vygotsky enfatizaram a importância dos meios simbólicos no processo de alfabetização e Kleiman e Streit defenderam a alfabetização como forma de socialização do indivíduo.

Mesmo com todas essas alternativas de alfabetização, é importante lembrar que, na sala de aula, cada aluno possui suas limitações e nem sempre um determinado método vai ser 100% garantindo para toda a turma. Para a professora, seja qual for o método escolhido, o conhecimento das suas bases teóricas é condição essencial, importantíssima, mas não suficiente. A boa aplicação técnica de um método exige prática, tempo e atenção para observar as reações das crianças, registrar os resultados, ver o que acontece no dia a dia e procurar solução para os problemas dos alunos que não acompanham. É necessária uma postura investigativa e próxima a cada criança. Além do mais, como destacam alguns dos métodos citados, os processos de socialização são importantes, assim como as crenças e valores da professora enquanto mediadora do processo de alfabetização. É ela responsável pela inserção da criança na cultura escolar parte importante do desenvolvimento escolar da criança vai depender de como foi o seu

processo de alfabetização. O Alfabetizar tem um sentido de aprendizado inicial da leitura e da escrita. Porém, é no letramento que temos que buscar o sentido de familiarização do sujeito com diversos usos sociais através da leitura e da escrita (CARVALHO 2008).

1.5.2. Relações professor-criança

Falar da relação professor-aluno é se basear nas experiências escolares. Segundo Silva (1999) “a situação pedagógica requer a relação entre pelo menos dois sujeitos, o professor e o aluno, que desempenham diferentes papéis, estejam ou não suas ações reciprocamente orientadas.” Nesta hora o papel fundamental do professor é trabalhar a conduta do aluno, dando orientações, mostrando entusiasmo e propondo autonomia. Os elogios têm que ser sinceros, isso reforça a curiosidade e a vontade de aprender mais. Centrar a atenção, mostrando a relevância do que se estuda, cria um clima de confiança e satisfação. Assim, quando o aluno satisfaz suas necessidades psicológicas, ou seja, seu desejo em aprender, floresce a motivação, que é fundamental para o aprendizado e essencial ao relacionamento escolar (MORALES, 2008).

No processo de formação e socialização do aluno, a qualidade das relações interpessoais e as ações do professor devem se manifestar de maneiras diversas, com a comunicação, o afeto, a interação, o respeito pela opinião e pela forma como o aluno aprende. Manifestar expectativas, responder de maneira consistente, dar informação é ajudar no desenvolvimento cognitivo dos alunos, se preocupando na consequência didática, ajudam a fortalecer essa relação entre o professor e o aluno, pois o conhecimento passa a ser o elo entre os dois indivíduos.

É em sala de aula que os alunos gastam suas energias em trabalhos, em projetos em grupo e em atividades em que estão expostas suas habilidades e pontos que precisam melhorar. Esse é o momento de estimular o respeito às diferenças individuais e culturais, formulando até mesmo seu próprio pensamento crítico dentro do seu próprio ambiente, a autonomia do aluno. Ir contra tudo isso é encontrar o fracasso profissional como professor, pois se deixa de lado o incentivo do pensar, cai-se na memorização e, logo, se chega à rejeição e à distância do aprender. “O que importa não é o que o professor faz, e sim o que o aluno percebe, a idéia e a imagem que forma do professor” (MORALES, 2008). Esse é nosso ponto de partida, o que o professor faz fica marcado

na vida do educando, é fundamental a percepção do aluno em relação ao interesse do educador. Paulo Freire já alertava sobre a conduta do professor.

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 73).

Tudo está relacionado ao tipo de avaliação que os alunos fazem do professor, logo no primeiro contato. Isso segue por toda a vida, desde as séries iniciais até a vida acadêmica. Esse modo avaliativo não é referente a provas ou a perguntas que valem ponto, e sim a um contexto avaliativo informal, em que o aluno faz logo no primeiro contato com o professor e nem sempre o aluno capta aquilo que o professor quer transmitir. Tal avaliação é feita pelo aluno em relação ao professor e também é feita do professor em relação ao aluno. Pois, se tratam de múltiplas culturas, expectativas e necessidades. É importante fazer uma avaliação do aluno sem preconceito. Na escola existem diferentes grupos regionais, nacionais, étnicas entre outros, que tem que ser observado.

Ao professor cabe a responsabilidade de desempenhar o seu papel de mediador do conhecimento e do desenvolvimento de seus alunos com segurança. Para isso, contamos com dois aliados: a comunicação e a afetividade. São dimensões que recuperam e formam a imagem do bom professor no estabelecimento de uma relação de confiança.

O primeiro dia de aula é importante para os alunos, mas também deve ser importante para nós. Animamos os alunos, mas também temos de nos animar e assumir os compromissos implícitos (ou explícitos) decorrentes das primeiras orientações do curso. (MORALES; 2008, p. 84).

Quais as expectativas que o professor tem do aluno? E quais as expectativas que o aluno tem do professor? Isso pode se considerado como relação entre eles? É comum esse tipo de pensamento, principalmente quando falamos de um determinado aluno em base daquilo que foi passado por outro professor, que pode afetar no desenvolvimento e na produtividade dos alunos.

Podemos e devemos comunicar expectativas altas para todos no primeiro dia de aula, mas isso não é suficiente se não trabalharmos para que tais expectativas se realizem, sobretudo com os alunos que mais necessitam disso, pois todos são nossos alunos. A manifestação de expectativas não é simplesmente a expressão de algumas palavras de ânimo para os alunos, e sim um compromisso nosso. (MORALES; 2008, p. 99).

Estabelecer uma boa relação logo no início do ano letivo, proporcionará mais confiança não só pelo aluno com o professor, mas também do professor com o aluno. Ao falar nessa relação vale lembrar que o professor não tem por obrigatoriedade ter sua vida aberta ao aluno contando-lhe coisas de sua vida pessoal. Às vezes, pode acontecer de dar exemplos como forma de reflexão com o intuito de ajudar ou fixar alguma mensagem de motivação ao aluno. Mas é importante que o professor não tenha medo de se apresentar como ele é, seja demonstrando afeto ou expressando sua opinião, pois são pessoas comuns e isso tem que ser notado pelo aluno. Para Morales (2008) A flexibilidade é importante. É fundamental não nos deixarmos aprisionar por um papel; há um tempo para mandar uma classe barulhenta fazer silêncio e um tempo para dizer que estamos com dor de cabeça.

Digo de propósito refletir, mais que educar, transmitir etc., embora seja claro que facilitar a reflexão é educar e que o professor sempre transmiti algo, ainda que apenas pela escolha de uma pergunta, de um tema ou de um caso. Podemos reprovar um aluno por não saber o que deveria saber, mas no âmbito das atitudes e dos valores temos de respeitar sua liberdade e seu modo de sentir. Podemos criar uma situação em que é possível pensar e falar sobre coisas importantes. (MORALES, 2008, p.155).

Essa sim seria uma boa relação baseada no respeito, e compreensão pelas duas partes. Essa flexibilidade também é vista quando há interação na sala de aula. Perguntas orais e questionamentos como guia das atividades ajudam o aluno a refletir e, assim, a construir o seu pensamento crítico, centrando sua atenção, estimulando seu interesse. Mesmo o conteúdo programático, determinado pelo currículo escolar, pode ser aliado à uma forma participativa. Outra forma de motivar o aluno é o elogio, que contribuiu para a motivação para aprender, indicar o porquê do erro para compreensão e não memorização, utilizar a avaliação formativa propondo ao aluno uma segunda chance de corrigir seus erros. E, com certeza, o feedback do professor pode se refletir em rendimento escolar e acadêmico positivo além de uma relação mais aberta e confiante.

Toda essa abordagem, também tem consequência no estabelecimento de relações de um aluno para com outro, que também é importante, e cabe aos professores trabalhar essa relação em sala de aula.

Com os assuntos tratados neste primeiro capítulo da monografia, tivemos a intenção de discutir o lugar da infância e do desenvolvimento da criança nos processos escolares. Entendemos que há vários níveis de análise que nos permitem tecer algumas considerações e compreensões sobre a criança que inicia a escola e que a pedagogia precisa continuar revendo suas práticas e conceitos para garantir a educação à uma comunidade de alunos cada vez mais diversa em todos os sentidos. Acreditamos que a perspectiva do desenvolvimento humano em um enfoque contextual, que considere a criança como um ser integral em suas múltiplas dimensões, nos ajudará a olhar as crianças que serão apresentadas nos próximos capítulos. Enfocamos a terceira infância, conforme referências apresentadas aqui, e por isso, dedicamos a relacionar a literatura direcionando os conhecimentos e conceitos para esse período desenvolvimental. A prioridade das relações professora-criança nesse processo foram apresentadas por último, mas se apresentou como principal no campo empírico. A seguir, considerações sobre o estudo empírico e seus resultados.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi constituída a partir de uma abordagem empírica qualitativa de caráter exploratória. Foram feitas observações participantes em sala de aula e entrevistas com crianças e profissionais de uma escola pública de anos iniciais de Ensino Fundamental do Distrito Federal. Objetivamos compreender como as concepções sobre as relações entre professor aluno podem influenciar nas aprendizagens de crianças nas series iniciais. Os participantes, junto à pesquisadora, assumiram um papel ativo importante no processo de construção das informações empíricas, que contribuíram de modo significativo esta pesquisa.

O método qualitativo é o meio de explorar e entender o significado que os indivíduos atribuem aos objetos pesquisados, procurando desenvolver problemas baseados na teoria, considerando o entendimento do sujeito participante. A investigação qualitativa se constitui de diferentes abordagens sendo elas: por concepções filosóficas, por estratégia de investigação, com método de coleta de análise e interpretação dos dados. Esses procedimentos qualitativos estão baseados em dados de textos que possuem passos singulares na análise de dados indutivos e de análise interpretativas entre outras estratégias investigativas, que contribuem para o levantamento empírico. (CRESWELL 2010).

Utilizaremos também a abordagem indutiva, que consiste no levantamento de fatos ou fenômenos observados, ao qual desejamos conhecer ou aprofundar, encontrando uma relação entre esses fatos ou fenômenos. Concluindo a investigação, formulando uma teoria para descrever, explicar e prever uma determinada realidade (PRODANOV, 2013).

Neste trabalho especificamente, foram selecionados episódios de observações realizadas durante o período de estágio obrigatório supervisionado ao longo de um ano letivo, que permitiram analisar como era a didática da professora, como se relacionava com os alunos e como conduzia as atividades em seu planejamento e implementação. Também foi possível observar a forma pela qual as crianças estavam aprendendo e como percebiam o ambiente escolar e, por fim, de como a equipe de profissionais da escola participava nas diferentes instâncias pedagógicas. Contamos com a participação dos alunos, da professora e do apoio psicopedagógico de uma escola pública de ensino

fundamental do Distrito Federal. Todos forneceram informações valiosas, por meio de entrevistas. As informações empíricas construídas por esta pesquisa estão organizadas em forma de um relatório. Dessa forma, nossos objetivos foram:

2.1 Objetivos

2.1.1 Geral

Investigar como as relações dentro da sala de aula influenciam no desenvolvimento da aprendizagem escolar da criança analisando: como percebem o ambiente escolar, os componentes, os indivíduos que constituem a escola; como se relaciona com a professora, qual a imagem que tem dela; quais as expectativas que têm em relação ao ambiente escolar; de que forma constroem essas relações entre professor e aluno e aluno para com aluno; e como essas relações participam no desenvolvimento da aprendizagem e no processo de constituição de si mesmo.

2.1.2 Específicos

- Identificar as práticas formais e informais de sala de aula que atuem de forma significativa na qualificação subjetiva da aprendizagem das crianças.
- Caracterizar o processo de significação da aprendizagem escolar na perspectiva da criança em escolarização.
- Analisar os efeitos das práticas dialógicas de ensino na potencialização da aprendizagem dos conteúdos escolares e no desenvolvimento.
- Identificar indicadores que atuam na constituição de si, levando em consideração a relação entre as dimensões sociais, cognitivas, afetivas e psicomotoras do desenvolvimento infantil no contexto de práticas pedagógicas específicas.

2.2 Contexto de pesquisa

A pesquisa empírica foi realizada em uma escola de ensino fundamental da rede pública de ensino na Samambaia, cidade do Distrito Federal. Houve uma imersão

em uma turma de segundo ano, do turno vespertino, com 28 crianças ao longo do ano letivo de 2012. Na ocasião, foram realizadas as duas fases do estágio supervisionado obrigatório. A parte final dos procedimentos empíricos foi realizada em maio de 2013.

2.2.1 A escola

Fundada em dois de junho de 2003, a escola classe da rede pública de ensino compõem-se de Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Atende alunos de quatro a 13 anos nos turnos matutino e vespertino. Fisicamente, é dividida em blocos. O bloco I comporta as turmas de Educação Infantil até o 3º ano do Fundamental, uma sala de informática e uma de vídeo. No bloco II ficam os 4º e 5º anos do Fundamental e uma sala de leitura.

As turmas estão organizadas em Educação Infantil e Ensino Fundamental. Na Educação Infantil há apenas três turmas, uma do primeiro período e duas do segundo. No Fundamental, há cinco turmas de 1º ano, oito de 2º ano, dez de 3º ano, nove de 4º ano e nove de 5º ano, totalizando 44 turmas. Dessas, 20 turmas são reduzidas com alunos com necessidades especiais. Há em média 30 alunos por turma, compondo cerca de 1.103 alunos.

A equipe escolar é constituída de gestores, equipe pedagógica e equipe de apoio administrativo. A equipe gestora está composta da diretora, vice-diretora, supervisores administrativos e chefe de secretaria. São responsáveis pela estrutura e a mediação com a comunidade, além de cumprir com o bom andamento e funcionalidade da escola, pois são os gestores que definem a funcionalidade e a qualidade da escola. A Equipe Pedagógica compreende a coordenação, supervisão pedagógica, equipes de ensino especial, pedagogas e orientadora educacional. São encarregados do desenvolvimento do ensino propriamente dito, das aprendizagens dos alunos. São trabalhadores efetivos e trabalham diretamente com o aluno. A equipe de apoio administrativo envolve a limpeza, cozinha vigilância, portaria, apoio a direção e a mecanografia. São responsáveis pela manutenção da escola. No corrente ano a equipe de gestores não foi eleita e sim escolhida pela coordenação Regional de Ensino. A Eleição Direta deve ocorrer ainda esse ano, mas sem previsão do mês.

A organização de espaço/tempo da instituição encontra-se materializada nas Diretrizes Pedagógicas da Secretaria de Educação do GDF, 2009/2013 que estabelece, do ponto de vista teórico e metodológico, as orientações curriculares inspiradas em

pluralidade e flexibilidade, com intuído pedagógico, aliançadas com experiências sociais e culturais, que acompanham o sujeito em sua vida. Sua principal missão é assegurar o ensino de qualidade, formando cidadãos críticos e conscientes e participativos, com princípios de igualdade, respeito, compromisso e participação.

Os projetos são desenvolvidos durante as reuniões pedagógicas, realizadas uma vez por semana. O planejamento é realizado coletivamente, atendendo as necessidades pedagógicas. As rotinas de uma escola nunca são as mesmas, por isso os planejamentos na sua grande parte são diários. Quando alguma coisa sai da planejado, rapidamente é elaborado um plano de ação para que não haja nenhuma ruptura dentro do cronograma estabelecido.

Entre os diversos projetos, destaco o BIA (a estratégia pedagógica do Bloco Inicial de Alfabetização – BIA, 2ª Edição - Versão Experimental), que é um documento construído por comissão designada por meio de Ordem de Serviço. Envolve a participação dos professores e coordenadores que atuam nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Tem por objetivo geral, entre outros mais específicos, de “Garantir ao estudante, a partir dos seis anos de idade, a aquisição da *alfabetização/letramentos* na perspectiva da *ludicidade* e do seu desenvolvimento global, com vistas à formação do leitor e do escritor proficientes” (p.3). Funciona como um meio de organizar os alunos em grupos de acordo com o nível de aprendizagem, pré-silábico, silábico e alfabetizado.

Cada professor fica com um nível por um determinado período, o chamado reagrupamento. No final, é realizada uma prova para testar se aluno teve progressão ou não. Assim, após esse período, todos voltam para a turma com seus professores habituais. O ponto positivo é que dessa forma todos chegam com o mesmo nível ao final do ciclo e os professores acabam conhecendo todos os alunos desse ciclo. Em contrapartida, a ação de muitos professores pode interferir na construção de laços afetivos entre professor-aluno, o que é um processo de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo, especialmente nos anos iniciais.

Outro projeto é a festa cultural que é realizada no mês de junho. Engloba as tradições culturais de cada região brasileira, trazendo para dentro da escola as vestimentas, os costumes e as danças. Nessa ocasião foi a tradicional festa junina. Todos os membros e seguimentos da escola estavam envolvidos, com participação da comunidade em grande escala. Pois, a festa junina da escola vem se tornando tradição

na comunidade. Assim cada um exercendo sua função, a escola funciona, e a comunidade agradece.

Em 2007 a escola ganhou o prêmio IDEB, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criada para medir a qualidade da escola. O projeto político pedagógico analisado neste trabalho foi elaborado em 2010, estão trabalhando na elaboração do novo para o ano letivo de 2013. Com a nova direção eleita pela comunidade.

2.2.2 A sala de aula

A sala de aula da turma de segundo ano da professora Lucia, tem 28 carteiras, um armário de metal e um de madeira, um quadro branco que fica localizado na entrada da sala, uma mesa e uma cadeira para o professor. Há material didático no armário de madeira. A sala não é muito enfeitada tem poucos desenhos, mais é bem educativa, tem uma caixa de brinquedos, e outra de livros de historias, tem um quadro de avisos e uma lixeira no canto da sala. Possui na sala também um calendário grande em que a turma marca no mês o dia de cada aula. É arejada a sala fica de frente para o pátio.

A turma estava composta por 28 alunos, durante as observações, tentei buscar algumas características que pudesse falar em poucas palavras, um pouco dos alunos. Os nomes são fictícios para a preservação da identidade dos alunos.

Tabela 2 – Caracterização dos alunos da turma

Crianças da turma investigada	
1. Alef sete anos dorme muito em sala de aula, é pre - silábico também tem dificuldades na leitura e na escrita, brinca muito em sala de aula, não faz as atividades de casa.	2. Aline sete anos tem muita dificuldade de compreender historias, mas sabe ler muito bem, mora com a avó que é analfabeta, por esse motivo muitas vezes não realiza as tarefas de casa, está sempre em seu canto, lendo ou desenhando, ama fazer coração por todo caderno, muitas vezes se desliga da sala, e demora a realizar as tarefas proposta pela professora.
3. Alessandra tem sete anos falta muito, talvez seja o motivo que ainda não ser alfabetizada, é organizada sempre pede ajuda para Renata ou para Ana Clara. Seu mundinho está baseado em fazer coraçãozinho em todo o caderno. Não conversa muito em sala é mais tímida.	4. Bruna tem sete anos é a maior da turma, faz as atividades tranquilamente, quando te alguma dificuldade sempre pede ajuda da professora, se envolve com os projetos da escola, tem o apoio dos pais, é uma menina doce e respeita os colegas, não gosta de fala muito.

<p>5. Carlos tem sete anos é muito quieto, mas se sobressai na matemática, tem dificuldade em ler é silábico, sempre em seu canto não se envolve muito com as atividades extraclasse.</p>	<p>6. Samuel sete anos pra mim ele seria o mascote, ele é um amor de garoto, quando não consegue acompanhar as atividades ou quando sente falta da mãe ele chora, diz que está com dor de cabeça e pede pra ir embora, mas na maioria das vezes a professora o convence a ficar, é doce e muito aplicado em sala, gosta de abraçar muito as professoras. E conta muita história, e é bem criativo.</p>
<p>7. Elmo sete anos, como todo menino também é muito agitado, brinca muito em sala de aula, o tempo todo é chamado sua atenção, copia muito do quadro ou do caderno do colega para andar mais rápido e terminar primeiro. Mas ele é muito companheiro dos amigos, e gosta de proteger as meninas na hora do recreio</p>	<p>8. Debora tem oito anos, conversa muito, traz os lanches mais gostosos, isso quando não está mastigando alguma coisa escondido no intervalo, gosta de brincar mais com os meninos, é estudiosa sempre faz as atividades propostas e na maioria sozinha incluindo os de casa, tem a voz bem alta então quando fala todos sabem quem é.</p>
<p>9. Rute tem sete anos, está na fase silábica, tem dificuldade com a literatura, e quieta, se relaciona muito bem em sala de aula, as tarefas passadas para casa, geralmente faz na sala.</p>	<p>10. Fernando sete anos já é alfabetizado sua leitura é muito boa, vive desenhando, gosta de abraçar, tem alergia a chocolate, e respeita muito a professora.</p>
<p>11. Ana oito anos tem uma relação muito boa com a turma, conta tudo que pergunta, é muito esperta sempre ajuda os colegas, sempre termina as atividades primeiro e ajuda os demais.</p>	<p>12. Diovana sete anos é tímida ainda está na fase pré silábica, não gosta do reagrupamento e muito apegada a professora, e sempre que troca de professora chora muito</p>
<p>13. Ashley tem seis anos, é muito bonita e meiga tem dificuldades com o reagrupamento não gosta, e ainda está no silábico é amiga de Eduarda, mas na hora da prova quem passa a cola é a Diovana.</p>	<p>14. Jose tem sete anos é muito inquieto, anda o tempo todo na sala tem dificuldade na leitura, os pais são bem ausentes, na hora do lanche sai pedindo para os golinhas.</p>
<p>15. Luiz Henrique seis anos é quieto sempre traz brinquedos para sala e a professora tem que pedir para guardar e mesmo assim as vezes não obedece, lê com dificuldades e custa entrar na sala, geralmente o irmão o deixa na porta e depois de 30 minutos ele entra.</p>	<p>16. Marcus tem sete anos, é um aluno alfabetizado gosta de matemática, é participativo gosta de auxiliar a professora nas atividades da sala.</p>
<p>17. Maria Clara F. sete anos é uma garota muito meiga e vaidosa tem o caderno mais organizado que já vi faz as atividades muito bem feitas, sabe ler e escrever pequenos textos, gosta de matemática.</p>	<p>18. Maria Eduarda tem sete anos, é autoritária, tem espírito de liderança, faz as atividades, gosta muito de conversar e já é alfabetizada.</p>
<p>19. Maria sete anos tem uma mãe muito participativa, sempre faz as atividades propostas com êxito, tem boa leitura e escrita, não conversa em sala de aula sempre dedicada às atividades, tem uma amiga que brincam sempre juntas no recreio.</p>	<p>20. Natanael tem sete anos, brinca muito na sala sempre estão chamando a atenção não consegue ficar quieto em seu lugar, tem dificuldades nas atividades sempre pede ajuda aos colegas, não gosta de sentar perto de meninas, sempre reclama mas é o único jeito de não ficar conversando muito</p>

21. Rodrigo tem sete anos é alfabetizado e gosta mesmo de ficar com as meninas, em especial a Hillaryse relaciona muito bem com os colegas faz as atividades proposta em sala de aula e os de casa também.	22. Regina tem sete anos é muita sapeca anda sempre junta com a Maria Eduarda, copia das colegas as atividades, tem dificuldade em acompanhar a professora. Nem sempre faz as atividades de casa.
23. Thalya tem sete anos, é alfabetizada, gosta de ajudar as coleguinha com dificuldades, é uma ótima aluna.	24. Tomas sete anos ele é gêmeo com o Henrique mas por questões de bagunçar, estudam em salas diferentes, gosta de fazer as atividades em sala no recreio sempre está desenhando oi fazendo alguma atividade, sempre sabe as resposta e grita alto para responde-las.
25. Amanda sete anos mora em uma abrigo com outras meninas, é pre - silábica, copia muito do quadro, mas não compreende as atividades proposta, as atividades de casa são raras de fazer, as vezes é agressiva, e outras muito carinhosa.	26. Cassio tem sete anos é muito esperto se relaciona muito bem com os amigos já é alfabetizado. Geralmente leva brinquedos escondidos para sala, atitudes que deixa a professora um pouco chateada, pois tira a concentração das crianças.
27. Davi tem oito anos, não estava conosco no primeiro semestre, veio remanejado de outra escola, por estar em constante briga com outros colegas de sala. No começo ele sentiu se muito desconfortável não fazia as atividades proposta. Foi difícil ele se adaptar a rotina da professora. Mas quase no final ele tinha melhorado sua postura e acabou cedendo para as normas estabelecidas pela professora dentro da sala de aula.	28. Josué oito anos tem dificuldades na leitura conversa muito, suas atividades ficam sempre pela metade, geralmente as atividades de casa são entregues incompleta, isso faz com que a professora se dedique mais, a acompanha-lo quando pode. Brinca muito na sala de aula. Mas gosta de atividades de matemática, tem um bom raciocínio lógico.

2.3 Participantes da pesquisa

Os participantes da entrevista foram escolhidos de acordo com os episódios selecionados da observação realizada no contexto do estágio supervisionado. Participaram da pesquisa empírica professora regente, a psicopedagoga que acompanhava os alunos, a psicóloga da escola e quatro crianças que tiveram uma participação maior nos episódios selecionados no que se refere às situações vividas durante as observações em sala de aula. Os nomes foram substituídos para preservar a identidade dos participantes.

Tabela 3 – Participantes, caracterização e procedimentos empíricos

Participante	Idade	Caracterização	Procedimento empírico
Professora Lucia	39	Formada em português e inglês , atua há 16 anos com a educação infantil.	Observação participante e entrevista individual

Psicopedagoga	-	Formada em pedagogia, fez especialização em psicopedagogia e atua nesta área há oito anos.	Observação participante e entrevista individual
Psicóloga	-	Formada em psicologia atua há mais de cinco anos como apoio educacional.	Observação participante e entrevista individual
Ana	7	Fez o primeiro ano com a professora em questão e é muito apegado a ela.	Observação e entrevista individual
Amanda	8	Fez o primeiro ano com a professora e não gosta do reagrupamento. Mora em um abrigo, não consegue estabelecer uma relação afetiva com ninguém.	Observação e entrevista individual
Ashley	7	Muito meiga e atenção dos pais o tempo todo filha única.	Observação e entrevista individual
Samuel	8	Muito carinhoso e apegado aos pais, tímido.	Observação e entrevista individual

Em função do tema de pesquisa, apresentamos algumas informações mais detalhadas sobre a professora Lucia. É formada em Pedagogia. Atua como professora há 16 anos, a maior parte desse tempo na da Educação Infantil. Já fez vários cursos oferecidos pela Secretária de Educação e outros particulares. Ainda não tem nenhuma especialização, mas pretende fazer futuramente. Em sua opinião, ser professor é uma árdua tarefa mas, gratificante, requer muito estudo e paciência. Apesar da imaturidade e da agitação, a turma tem um bom rendimento, pois a professora tem trabalhado muito bem com a turma. É possível observar que em sua prática há sempre diálogo, chama atenção dos alunos, corta o recreio quando necessário. Mantém uma ótima relação com os alunos, é afetuosa e próxima, comemora publicamente o progresso de cada aluno.

2.4 Instrumentos de pesquisa

2.4.1 *Diário de campo*

O diário de campo foi uma ferramenta muito valiosa no processo de registro das observações. Foi o caderno em que anotava tudo que era importante naquele dia. Algumas vezes para não deixar a professora desconfortável optava por fazer as anotações no final das observações. Geralmente anotava os episódios, na ordem cronológica, obedecendo ao dia em que estava em sala de aula.

No primeiro semestre de 2012, minha função era somente essa observar, tive poucas participações com a turma. No segundo semestre minha participação foi maior,

pois como já tinha estabelecido um vínculo com a turma a professora permitia minhas intervenções.

As observações estavam baseadas nas práticas pedagógicas da professora, no tipo de relação que estabelecia com as crianças e de forma essas relações influenciavam no processo de Ensino e aprendizagens, com se comportam na escola, e na rotina escolar.

2.4.2 Roteiros de entrevistas

Os roteiros foram elaborados a partir dos objetivos estabelecidos. Foi pensado em dois momentos: o primeiro para a professora, a psicopedagoga e a psicóloga, o segundo nas crianças. A entrevista feita com a professora foi realizada em um dia de coordenação na sala dos professores. Já as entrevistas com o apoio educacional foram realizadas por agendamento. Primeiro com a psicopedagoga e depois com a psicóloga. Ambas em horários diferenciados, as entrevistas foram realizadas na sala de SOE (Sala de Orientação Educacional).

As entrevistas com as crianças foram realizadas no primeiro semestre de 2013. Compareci na escola no mês de março de 2013, para entrega das autorizações dos pais, fui à escola durante todo o mês de abril para recolher as autorizações. Realizando as entrevistas em maio de 2013. Foi autorizado a realizar as entrevistas na sala de áudio no horário vespertino, como estava próximo do recreio não havia muito tempo, portando separei a turma em um grupo maior, realizando a entrevista coletiva e um grupo de quatro crianças para as entrevistas individuais. Após a entrevista coletiva, liberei o grupo maior que voltaram pra sala, permanecendo com as quatro crianças para a entrevista individual.

Para as entrevistas individuais, estabelecemos um acordo, enquanto entrevistava uma criança a outra permanecia em uma cadeira do lado de fora da sala, assim à medida que terminava a entrevista o aluno retornava para sua sala. E assim realizei as entrevistas com as crianças selecionadas eventualmente por terem uma participação maior nos episódios.

2.5 Procedimentos empíricos

Os procedimentos empíricos foram realizados em parte durante o período de estágio no curso de graduação em pedagogia. Foi observada uma turma de 28 alunos de uma escola pública do Distrito Federal, por um período de dois semestres do ano letivo de 2012. No primeiro, realizamos as observações e coletas de dados das crianças e da professora da escola, observando como era a rotina diária dentro da sala de aula. No segundo semestre foi estabelecido além das observações, interações por parte da pesquisadora para a coleta de mais dados.

Durante esse processo foi observado o tipo de relação que havia entre o professor e o aluno e como isso influenciava no processo de ensino e aprendizado. Nesse período foi muito importante estabelecer uma espécie de vínculo com os alunos pois, desta maneira era possível vivenciar algum tipo de intervenção com a colaboração de todos.

Nessas observações levantamos os temas que compõem esse trabalho questionando de várias maneiras. Em cada atividade desenvolvida pela criança e em cada resposta obtida nas observações. Não somente durante as observações, mas durante as atividades feitas ao ar livre como o piquenique e as idas ao parquinho às terças feiras. Esse conjunto de informações foi importante para o levantamento das reflexões.

As idas à escola eram realizadas três vezes por semana no período vespertino e permanecemos deste o início até o fim das aulas acompanhado cada passo das atividades desenvolvidas pela professora. No primeiro período foi constituído por observações das didáticas da professora, depois o tipo de relação que adquiria com cada aluno e como os alunos vivenciavam essas experiências dentro da sala de aula.

No segundo semestre houve uma intervenção. Foi desenvolvido um projeto de intervenção que pudesse identificar a imagem do professor na perspectiva da criança. Esse projeto se desenvolveu em dois processos: nas aulas de Português e de matemática, englobando a relação entre eles e a relação com a professora. Diante disso em cada ação foi realizado um jogo específico para trabalhar as relações em sala de aula. As atividades eram realizadas no pátio da escola e na sala de aula.

Estava dividido em cinco etapas: A primeira na separação dos alunos, os alfabetizados e os em processo de alfabetização; A segunda na formação de pares onde um aluno em processo de alfabetização estava com um aluno já alfabetizado; A terceira parte era a execução das atividades, onde estavam sendo observadas as interações dos alunos em ajudar o outro; A quarta concentrava-se na avaliação dos alunos por meio de fichas ou verbalmente, essa avaliação quem fez foi o próprio aluno, e na quinta etapa

constituiu-se o levantamento dos dados obtidos com as observações, resultando em um relatório sobre essa relação professor/aluno na visão dos próprios alunos na construção de uma nova estória, e como isso influenciava nas aprendizagens.

Por último realizamos as entrevistas elaboradas por meio de um roteiro. A entrevista com as profissionais foram realizadas ao longo do segundo semestre de 2012 e a entrevista individual e em grupo com as crianças, no início do ano seguinte.

2.5.1 Observação participante

Observar além de contribuir com informações que queremos construir, oferece mecanismo para um relacionamento, neste caso, individual com as crianças, que vão proporcionar materiais que possam possibilitar o planejamento de atividades que orientem as criança a serem aprendizes bem-sucedidos (JABLON, DONBRO & DICHELMILLER, 2009).

Com um diário de sala, anotava todas as observações que julgava ser necessário, acompanhava os episódios que aconteciam durante as atividades proposta, havia momentos em que passávamos toda a aula somente observando, sem nenhuma intervenção, ou questionamento aos participantes. O objetivo era fazer com que não fossem notados para não interferir no comportamento dos participantes. Neste caso a participação maior era das crianças por serem nosso objeto de estudo.

2.5.2 Conversas casuais

Sem o uso de ferramentas como questionários pré-elaborados, iniciávamos um diálogo que pudesse fornecer mais informações sobre o tema proposto. Esses diálogos aconteciam o tempo todo, durante os intervalos, antes das aulas, na espera dos pais que iam buscar seus filhos. Essas conversas eram feitas mais com a professora do que com as crianças, falávamos mais sobre o perfil de cada uma e das dificuldades que apresentavam em sala de aula e das expectativas da professora.

Muitas dessas informações foram fundamentais para o bom desenvolvimento dessa pesquisa. Não registrávamos tudo, somente aquilo que era relevante considerar. Essa técnica proporcionou um detalhamento melhor sobre o processo de desenvolvimento de cada criança, facilitando assim nossa compreensão.

2.5.3 *Entrevistas individuais*

As entrevistas foram realizadas em três momentos, o primeiro com a professora em horário de coordenação da escola, as perguntas foram elaboradas especificamente para a professora. Foi realizada no final do primeiro semestre.

A segunda com o apoio pedagógico onde foram abordadas as questões psicopedagogias e psicológicas. Realizada no começo do segundo semestre. Por último com as crianças, onde trabalhamos as questões sócio afetivas, as percepções que tem sobre a escola e as expectativas com relação á professora. Todas as perguntas foram elaboradas de forma direta. As entrevistas foram gravadas em áudio.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS

Ao longo do curso de graduação em pedagogia aprendemos que a criança é o nosso maior foco, que os cuidados que devemos ter são muitos. Pois, se não estivermos preparadas para cuidar e zelar por cada momento e em cada faixa etária, pode ocorrer uma ruptura em algum dos processos relativos ao desenvolvimento futuro da saúde da criança e das aprendizagens. Nesse processo, a forma pelo qual o professor vê a criança, concebe o desenvolvimento humano e define a aprendizagem, contribui no processo da criança em conhecer a si mesma e ter uma segurança maior na hora de aprender.

O processo do desenvolvimento é longo, passa por vários estágios e é relativo ao contexto. Tudo que se passa em nossa volta faz parte desse processo. A interação social é um dos processos mais importantes, pois é com a troca de saberes que conhecemos, fazemos parte da sociedade ao qual estamos inseridos. Na sala de aula não é diferente. O processo de socialização com professor, alunos e outros que fazem parte do contexto escolar contribuem na aquisição dos saberes e na construção do conhecimento.

O presente capítulo se destina a apresentar as perspectivas das próprias crianças, como observam e dialogam sobre o seu próprio processo de desenvolvimento escolar, descrevem e significam as relações com seus pares e, especificamente, com a professora em sala de aula. Consideramos importante aprofundar no período de desenvolvimento denominado como terceira infância (PAPALIA e COL., 2006) para melhor compreender como as questões culturais e ambientais são significativas no desenvolvimento cultural da criança (VYGOTSKY, 1999).

O capítulo também apresenta informações oriundas das entrevistas com os profissionais de educação da escola, que relatam sobre o desenvolvimento das crianças nos dois primeiros anos, o processo de socialização, as relações entre afetividade e aprendizagem escolar e outros processos por quais passam as crianças nesse período de desenvolvimento no contexto da escola.

Está estruturado em quatro tópicos, que se subdividem em várias categorias. Primeiramente, as observações apresentam uma seleção de episódios de acontecimentos em sala de aula observados e registrados ao longo do ano letivo de 2012.

Depois, os resultados das entrevistas, tanto com os profissionais (professora, psicóloga e psicopedagoga) que representam os profissionais da educação, e com as crianças este se divide em dois momentos: os individuais (Amanda, Ana, Diovana e o Samuel); e o coletivo. Por fim, há um tópico final em que fazemos a discussão dos resultados, analisando-os de acordo com os objetivos para este trabalho.

3.1 Das observações

3.1.1 Observações do primeiro semestre

Apresentarei aqui alguns episódios ocorridos durante o primeiro semestre de 2012, neste período estava apenas observando a turma e fazendo pequenas intervenções quando era solicitada pela professora Lucia. São episódios que relatam as práticas cotidianas da professora as interações entre criança e criança e a professor –aluno.

Episódio 1 – referente à observação das práticas cotidianas da professora Lúcia

A rotina da professora Lúcia era estabelecida da seguinte forma: no primeiro momento, há a correção das atividades de casa. Isso se dá sempre por gênero. Enquanto corrige a atividade dos meninos, as meninas vão ao banheiro e beber água. Depois, vice – versa. Aos alunos que não as realizam em casa, é destinado um tempo e a ajuda dos colegas para terminarem em sala de aula. Depois, ela explica a nova tarefa, geralmente uma atividade em folha avulsa, e pede para que os alunos colemb a folha no caderno quando terminarem. As atividades são elaboradas de acordo com o tema do dia.

Nas aulas de segunda e quarta há o reagrupamento logo após a correção das atividades de casa, que duram até a hora do recreio. Depois, as crianças voltam às suas turmas de origem e a professora Lúcia trabalha conteúdos nas áreas de português e ciências. Nas terças e quintas as aulas iniciais são dedicadas aos conteúdos de matemática e, na terça, após o recreio, as crianças brincam no parquinho. Quando chove, geralmente, ela permite brincar em sala após o término da atividade proposta para o dia. Na sexta-feira, a professora trabalha conto de historias ou, quando necessário, retoma algum conteúdo trabalhado na semana. As crianças trazem brinquedos de casa para brincar nesse dia.

O lanche é feito em dois momentos: o primeiro às 15h 30min., com o lanche da escola e depois, com o que eles trazem de casa. As meninas gostam de piquenique, já os meninos gostam de ficar mais a vontade, correr e brincar. A minha participação no período de estágio era de acompanhar as crianças individualmente nas atividades diversas que faziam em sala. No segundo semestre, houve intervenções, entre elas, conto de histórias, jogos, trabalho com a leitura das crianças, ler livros selecionados de forma dialogada, trabalhando as questões do conto e da interpretação das crianças, fazer a correção dos deveres de casa.

A dinâmica das relações na sala de aula se caracteriza por uma dependência das crianças em relação à professora para mediar suas interações interpessoais e a realização das próprias atividades escolares. A professora procura estabelecer acordos entre eles, se terminam a tarefa corretamente podem brincar. Quando a turma está muito agitada a professora tira ou o recreio, ou o parquinho e explica o porquê da decisão. A turma é bem ciente quando perde algum privilégio. E, antes de saírem da sala, as crianças recolhem o lixo e organizam toda a sala para aguardar a chegada dos pais ou cuidadores.

Em sala de aula, não há lugar marcado. A professora faz questão de colocar em pares uma criança alfabetizada com uma que está em processo de alfabetização, assim, uma ajuda a outra. Ao haver uma rotatividade nos lugares e entre os pares, há uma dinâmica interessante no processo de socialização, pois cada criança tem oportunidade de compartilhar a atividade e se comunicar com um coleguinha diferente em cada aula.

Episódio 2 – referente às interações no parquinho

Uma das coisas que me chamou muito atenção era a forma como as crianças se relacionavam na hora do parquinho às terças-feiras. Era um momento de liberdade. Uma vez, foi possível observar como o Caio se envolvia nas brincadeiras, o que casou surpresa, pois ele era muitíssimo quieto em sala de aula e diante da realização das atividades escolares. No parquinho, jogava futebol com autonomia e alegria, brincava na areia e se mostrava bastante feliz com os colegas que estavam brincando juntos. No grupinho em que se inseriu, quando alguma coisa não era legal aos olhos de algum aluno, viam correndo contar pra a professora, muita das vezes via a professora chamando atenção do aluno, para pararem de fofocar, e fossem brincar, que aquela era a hora.

As meninas sempre inventam coisas para ficarem longe dos meninos, e esse talvez fosse o momento que mais aprendiam sobre valores, um exemplo disso, foi quando uma outra turma do jardim I, compartilhou a tarde no parque com eles, tinham todo o cuidado para não machuca-los, pois sabiam que eram novos e que tinha que ajudar a olhar, essa visão talvez não era presente no requisito garotos, mais as garotas sempre eram cuidadosa, principalmente a Diovana, sempre com ordens, “tomem cuidado”, “olha ele e menorzinho”. Essas atitudes mostram, como se relacionam com o outro, o respeito e cuidado, são valores primordiais, que presenciei em vários momentos na sala de aula.

Episódio 3 –A interação com a professora

Na sala de aula a professora era muito firme com as crianças, mas ao mesmo tempo maleável. Neste dia a professora estava fazendo as avaliações com a turma, com uma atividade para fazerem ela chamava um por um, e tomava a leitura. Avaliava o nível de leitura da turma. O barulho estava muito e a professora não conseguia escutar a leitura de uma das crianças a Ana. A professora cruzou os braços e olhou a pra turma com um expressão de chateada. Algumas crianças como o Dilom e Eduardo perceberam o olhar da professora e começaram a dizer: “*Gente façam menos barulho ta vendo que a professora está brava!*”, “*É vamos fazer silêncio!*” “*nossa vocês heim!!...*” Aos poucos a turma foi fazendo silêncio e a professora continuou com a leitura da Ana.

No final da leitura com a Ana A professora muito feliz comemora, o progresso pois Ana estava lendo, reconhecendo novas palavras. A professora me chamou feliz me mostrou como tinha evoluído. Parabenizei Ana que saiu contente avisando pra coleguinhas o que a professora falara.

Fiquei admirada ao ver a turma ficar em silencio apenas com um gesto da professora e depois observa-la comemorar a progressão dos alunos. Ela comemora cada vitória com a turma.

3.1.2 Observações do segundo semestre

Nesta seção apresentarei alguns episódios relacionados às ações das crianças mediante ao contexto de sala de aula. Neste período já estava mais ambientada com os

alunos, já havíamos estabelecido alguns vínculos com a turma. Por esse motivo realizava bastantes atividades a pedido da professora.

Episódio 5 - Samuel

É um menino doce, porém tem dificuldades em acompanhar o que a professora pede. Costuma ser o último a terminar as tarefas e constantemente copia a atividade do colega. Comecei a ajudá-lo com um acompanhamento diferente. Tomei uma abordagem dialógica e passei só a ouvi-lo na realização das atividades. Um dia, perguntei se tinha compreendido o que a professora havia pedido, ele balançou a cabeça que sim, mas logo, voltou a copiar a atividade do colega do lado. Quando eu perguntei o porquê de ele estar copiando do colega, ele ficou calado, pensativo.

Ele pareceu ficar preocupado com a minha presença e evitou olhar a atividade do colega. A professora começou a explicar novamente, e ele, talvez movido pela minha proximidade, prestou atenção à professora, que estava praticamente direcionando a explicação à ele. Foi uma surpresa quando ele gritou surpreso consigo mesmo: “Ah!!! Agora, sim, eu entendi!” Começou a fazer a atividade. Foi a primeira vez que o vi tentando realizar a atividade sozinho.

Perguntei por que só agora ele tinha compreendido. Ele permaneceu calado. Não respondeu às minhas perguntas, mas sei que quando eu estou na sala ele sempre tenta fazer as atividades sozinho, mostrar independência. A partir de então, quando termina a atividade, fazia questão de me chamar e avisar que terminou. Pedia para que eu olhe e corrija pra ver se está certo.

Ao retornar à escola para a realização das entrevistas, após a finalização do estágio, fiquei muito surpresa com a reação do Samuel ao gritar bem alto que já sabia ler. Era muito uma conquista muito importante para ele já que estava sempre copiando as tarefas do coleguinha. O sorriso era radiante no seu rosto, uma felicidade tão grande que me deixou comovida. Ele se sentia seguro para caminhar para próxima etapa e tinha a certeza que iria conseguir, porque o mais difícil ela já havia conseguido ler.

Episódio 6 - Amanda

A Amanda mora em um abrigo perto da escola, tem dificuldades para aceitar comando de outras pessoas que não confia. Uma menina muito esperta, no recreio está

sempre arrumado confusão com outras crianças da escola, ainda não consegue ler e escrever sozinha, sempre copia do colega ou do quadro.

Esse dia a professora solicitou minha ajuda na correção da atividade. No quadro colocamos varias palavras faltando algumas letras, às crianças tinham que completar com as letras que estavam faltando. Na hora da correção não escrevi no quadro com letra discursiva e isso gerou na Amanda um desconforto, pois a professora só escrevia em caixa alta. Para minha surpresa Amanda foi até a mesa da professora Lucia e simplesmente disse que não iria copiar mais nada do quadro pois eu não sabia escrever direito. A professora a pediu que tivesse mais paciência e que retornasse ao seu lugar, que iria ajuda-la mais tarde.

Eu simplesmente me aproximei e perguntei se podia ajudar de alguma forma mas não me ouvia, falava coisas como: “ nunca vi uma professora assim” a não você não sabe nada”. “ escreve direito!”. Então a professora começou a explicar para a turma a diferença entre a letra que eu havia feito no quadro com a que ela escrevia. “ São as mesma o que muda é o formado.” Assim a professora continuou com as correções, Amanda ficou mais tranquila.

Quando voltei para realizar as entrevista no primeiro semestre de 2013, Amanda já estava mais calma mais continuava com dificuldades na leitura e em relacionamento também. Segundo a professora atual, a menina ainda não havia estabelecido relações com os colegas e talvez fosse encaminhado á psicóloga.

Episódio 7 – Ana e Ashley

Ana e Ashley ainda estão muito apegadas a professora, não se sentem segura, estão em processo de alfabetização sentam próxima da professora, geralmente copiam as coisas do quadro, sem saber na verdade que palavras são aquelas, já acostumaram a esperar a professora orienta-la nas atividades proposta. São as caçulas da turma com e não querem se separar da professora.

Nesse dia era prova, arrumamos a sala, os levamos para beber água e ao banheiro. Geralmente as professoras trocaram de turma para aplicar as provas. No lugar da Professora Lucia veio a Professora Vera que dava aula para a turma de primeiro ano. Como já era de imaginar a Ana chorou, pois não gosta de se separar da professora Lucia. Tentei dialogar prometendo ficar na sala até o retorno da Professora Lucia. No começo resistiu um pouco, a professora Lucia veio até ela e explicou que era preciso,

pra ficar calma porque com certeza daria conta de realizar a provinha e não precisava ter medo.

A Ashley não se sente segura também e não participa da aula, não se envolve com a turma, não pergunta nada pra professora Vera, ficou o tempo todo na sua mesa, olhando a provinha. Após a aplicação das provas ajudei a professora Vera a recolher. Quando a professora Lucia entrou na sala a turma ficou mais tranquila e voltaram para a atividade normal.

3.2 Atividade em sala de aula

Desenvolver as atividades propostas do projeto não foi assim tão fácil, pois estávamos no final do ano letivo e com muita atividade pendente. Tínhamos pouco tempo para realizar as atividades proposta no projeto. Como já vinha acompanhando a turma isso facilitou a interação. Fiquei surpresa, pois tive o controle da turma durante todo o tempo. Na primeira atividade a participação da turma foi primordial para a execução da atividade, em todas as atividades os alunos estavam dispostos e interagiam muito. Na ultima atividade que era a escolha da versão final ficou difícil, pois todas as redações ficaram boas, então resolvemos selecionar todas e foi uma festa só na sala. Fizemos um painel onde no ultimo dia de aula que ficaram expostos, não só pra turma e a professora conferir o resultado, mais também aos pais que puderam observar como seus filhos compreendem o ambiente escolar.

A cada etapa do projeto percebia que a minha relação com eles facilitava para o desenvolvimento de forma satisfatória nas atividades, na hora das resoluções de matemática nem parecia uma atividades escolar, era mais uma brincadeira. Por mais que façamos de tudo, sempre há aqueles alunos que não compreendem as atividades no momento e se recusam a participar, tive alguns desses casos que preferiram permanecer com a professora a participar das atividades propostas, por exemplo, das dinâmicas no pátio da escola. Mas a professora sempre mediava a situação. A escola tem uma estrutura muito boa, por isso facilitou a realização do projeto e a professora apoiou com todo o material pedagógico necessário.

Os trabalhos realizados pelas crianças foram muito ricos, das redações¹ aos desenhos, capricharam bastante. Os objetivos do projeto foram alcançados. De certa

¹ Algumas redações e desenhos realizados pela turma encontram-se em anexo.

forma, os alunos expressaram suas emoções com relação ao ambiente escolar. Isso fica nítido por meio das respostas que deram nos diálogos realizados em sala, e nos desenhos. Ao final, pedi para que fizessem uma reflexão de como percebiam a turma. Fiquei surpresa com que responderam;

“Bem professora, a nossa turma é assim um pouco inquieta, mais ou menos bagunceira, grita na hora do recreio, mas tem uns que são bem quietinhos e não fazem nada, somos um pouquinho rebeldes, e as vezes deixamos a professora com raiva, ai ela briga e agente obedece e tudo fica bom de novo.”
(Fala das crianças).

Não tem como deixar de se apaixonar por esses fofinhos, ainda mais quando paramos para ouvi-los. Isso enriquece cada vez mais o processo de ensino. As crianças demonstram reconhecer as próprias atitudes, especialmente quando é apropriado ou não na sala de aula. Parecem que estão internalizando alguns conceitos referentes ao ser bom aluno.

3.3 Entrevistas com professora e especialistas

3.3.1 Professora Lucia

As expectativas da professora Lúcia em relação aos seus alunos se resumem a três aspectos básicos: a aprendizagem da leitura e escrita da língua, ao desenvolvimento do raciocínio, especialmente quanto à resolução de problemas do dia a dia e sugere a necessidade de as crianças desenvolverem autonomia para aprender.

“Minha expectativa é (...) que eles consigam ler com proficiência e entender tudo o que eles leem (...) que desenvolvam um bom raciocínio lógico (...), situações problemas, do cotidiano deles (...) que eles tenham autonomia

para usar tudo o que eles aprenderam na escola” (Professora Lucia).

A professora tem uma concepção integral e global de desenvolvimento humano. Afirma que a criança se desenvolve como um todo, que não existe só o desenvolvimento cognitivo. *“Para que ela tenha um bom desenvolvimento cognitivo, tem também a questão da a psicomotricidade [e] de outras coisas, né, que precisam ser trabalhadas para que elas se desenvolvam com um todo” (Professora M.).*

Ela também fala sobre a diversidade e reconhece as questões individuais e sociais que interferem no desenvolvimento de cada aluno de forma diversificada. Pois, segundo ela, *“em sala, cada criança tem sua história, (...) passa por uma experiência de vida diferente, né?”* Parece haver uma relação de que aprendizagem é o processo pelo qual a criança internaliza algumas habilidades e competências e desenvolvimento quando ela já consegue fazer sozinha mediante o uso adequada dessas aprendizagens.

“Então, desenvolvimento cognitivo pra mim, é quando a criança consegue, com autonomia, ler, entender, interpretar um comando e saber fazer sozinha, sem tanto auxílio do professor (...) ou dependendo da ajuda de um colega, (...) e resolver as coisas com mais independência.

Quando perguntamos sobre a relação professor aluno em sala de aula, ela iniciou a sua resposta abordando a complexidade da educação enquanto sistema. Ela se refere à escola pública, à turmas muito grandes, a gestão dos conteúdos, a rotina, as regras de convivência social e do funcionamento da escola. Só então, ela falou do relacionamento com seus alunos. O seu posicionamento é marcado pela seguinte expressão:

“eu preciso ser muito enérgicas em relação a disciplina, porque as crianças são participativas, são muito inteligentes, mas são muito... um pouco agitadas, gostam de conversar muito (...) tenho que ser firme e cobrar mesmo disciplina, cobrar horários deles, cobrar com maior rigidez em relação a execução das

tarefas, tarefas feitas em sala, tarefas de dever de casa” (Professora M.).

Entretanto, ela parece valorizar uma “relação com respeito, amistosa” e considera ter um bom relacionamento com seus alunos, desde que seja garantida a aprendizagem do conteúdo. Disse acreditar na importância da afetividade nesse processo, mas não argumenta sua afirmação.

As questões da alfabetização parecem mobilizar bastante a professora. Especialmente, quanto à suas posições diante das políticas atuais para a alfabetização da Secretaria de Educação e do MEC. Ela afirmou que autores como Emília Ferreiro, Piaget, entre outros, são a base para suas concepções. Mas, também se identifica com as leituras que vem fazendo do grupo GEMPA. Explica que:

“é um grupo de estudo na área de alfabetização, né, eles ainda não tem nada assim publicado teoricamente reconhecido pelo MEC. Mas é um grupo de professores né, que esse estudo começou no Rio Grande do Sul, e.. e a filosofia dele e didáticas para se alfabetizar, principalmente crianças é..é que moram e estudam em escolas em regiões consideradas baixa renda, desenvolvem estudos e pesquisas, estão sugerindo muitas alternativas diferentes né do que agente tem hoje pra se alfabetizar.” (Professora Lucia)

A professora parece muito preocupada com a questão da alfabetização, procura métodos e está sempre recorrendo a algum recurso que possa auxiliar a seguir seu objetivo anual sempre que pode procura informações e quando encontra alguma coisa aproveita o máximo que pode. Como no projeto citado ela também tem o mesmo objetivo *“ter 100 % da turma [alfabetizada] é um projeto muito bom, né?”*

A professora se considera uma boa profissional, porque, vê as consequências positivas da sua mediação nos conflitos diários. Ela assume o discurso do “heroísmo” do professor de escola pública, quando vê os bons resultados em um contexto com muitas adversidades.

“Porque, com todo cansaço, com toda dificuldade, com toda a burocracia da secretaria de educação, com aquela família que não ajuda o filho em casa, e varias outras coisas que acontece... Mas, quando agente está dentro de sala de aula, agente se supera e tenta fazer o melhor para que o aluno aprenda”
(Professora Lucia)

A professora caracterizou a sua turma atual (no período em que foi realizada a entrevista) como boa, de uma forma geral. Argumenta que a maioria das crianças está com ela desde o primeiro ano. *“Então, eles já entraram no meu ritmo desde o ano passado”*. Disse que havia muitos alunos bem alfabetizados, excelentes em conteúdo e em comportamento. Mas, parece se preocupar com os que ainda não alcançaram a alfabetização. *“Ainda tenho alguns que ainda não estão como eu desejo, agente já está praticamente no fim do ano, e eles avançaram um pouco em relação ao conteúdo a conhecimento.”* Considera-se uma professora muito exigente mas reconhece que a turma é boa.

3.3.2 Psicopedagoga

Para a psicopedagoga que atua na escola e acompanha o processo de desenvolvimento dos alunos da professora Lúcia, a relação entre professor e aluno deve estar baseada na afetividade, na busca de parceria com a família da criança e na aproximação, sem esses pré-requisito não é possível fazer uma intervenção ou conseguir atingir as metas necessária para um bom desenvolvimento não só cognitivo mais também social.

“ela é estabelecida, de forma afetiva agente tem que trabalhar sempre o nível a questão da afetividade, o professor tem que estar sempre próximo da criança...está sempre em busca das parcerias com a família...Se eu não conquisto a criança se eu não tó próxima a ela não consigo fazer um intervenção de sucesso.” (Psicopedagoga)

Porém na visão da psicopedagoga essa relação é estabelecida quando a criança atinge resultados satisfatórios, isso significa que os professores são próximos dos

alunos, diferentes daqueles que seguem uma linha mais tradicional, mais autoritária. Assim as crianças que apresentam algumas dificuldades nas aprendizagens acabam por necessitar da intervenção da equipe psicopedagógica. *“vê que tem dificuldade e necessita muito da intervenção de nos aqui da equipe né, da psicopedagoga e da psicóloga pra poder estar, auxiliando eles nesse sentido”*.

Há muita resistência por parte dos professores, pela escola ter muitos professores antigos que tem dificuldade em aceitar o novo, e ai complica o trabalho da equipe, diz a psicopedagoga. Em relação ao trabalho que desenvolve na escola segue geralmente uma linha de processo começa com a queixa do professor, *“o professor preenche o formulário com a solicitação de apoio, indicando a queixa que ele tem da criança a dificuldade da aprendizagem...”* Depois chama a criança para a observação e análise pedagógica e outra psicológica, e convida a família quando necessário para o levantamento histórico da criança. Só assim começam a traçar estratégias de trabalho com o professor a criança e a família quando necessário.

Esse processo é durante todo ano levito, na classificação da psicopedagoga , os maiores problemas encontrado na escola é a fala e a repetência que por conta disse a criança fica retida mais tempo nas series. *“muito problemas de fala é a questão da troca fonêmica são crianças do terceiro e quarto e quinto ano que não estão na faixa etária da series, tem muitos anos retidas, no.. na serie”*

Por consequência o trabalho é feito de modo cauteloso e requer certa atenção por parte do apoio pedagógico, e em outras são solicitadas a intervenção dos profissionais de determinadas áreas.

“ a gente tem que fazer um trabalho minucioso de investigação, pra verificar o porque que essa criança não tá aprendendo porque ela não esta desenvolvendo,... o foco maior que... tem aqui é a questão da troca fonêmica, agente tem que investigar o que que é, se é o professor que não está fazendo um trabalho adequado na sala, se realmente é algum problema patológico, ai necessita de uma intervenção do profissional que o fonoaudiólogo.” (Psicopedagoga)

A escola é inclusiva e recebem muitas crianças com laudos médico. São estabelecidas estratégias para adequação daquela criança na escola. *“eles são*

beneficiados com as estratégias de matrícula, que é a redução de turma, um acompanhamento específico na sala de recursos com adequação curricular, tudo isso é proposto aqui por nos.”

A regional de ensino da samambaia espera que os atendimentos realizados nas escolas sejam apenas institucionais, sem atendimento clínico, os atendimentos são apenas para fazer intervenções, analisando cada necessidade.

“atendimento com a criança é pra verificar o que confronta realmente com a informação do professor colocou na solicitação de apoio...encontrar a causa do problema da criança, sentar com o professor traçar estratégia, e buscar muitas vezes ajuda de fora ...Mas o trabalho clínico não é feito aqui não.” (Psicopedagoga)

3.3.3 Psicóloga

A psicóloga da escola faz um trabalho de acompanhamento com aquelas crianças que tem dificuldades em apreender, desde do início do acompanhamento a primeira coisa que faz e saber como se dá a relação entre a criança e a professora, de acordo com a resposta ela vai traçando meios pra que a criança possa se sentir mais confortável e segura na hora do aprender. *“a primeira coisa que eu pergunto é realmente isso, se eles gostam da professora se a professora, é cariosa”* (psicóloga).

Com relação aos alunos da professora Lúcia ela destaca, *“eles falam que gostam muito dela... que ela é carinhosa,... é brincalhona.”* Por esse motivo acredita que isso influencia bastante no processo das aprendizagens por julgar que, *“se não tiver afetividade não funciona ... isso ajuda muito a aprendizagem da criança”*

Na classificação dos alunos da professora em questão, que recebe atendimento ela destaca dois pontos que são extremamente importantes levar em consideração a imaturidade de alguns alunos pelo excesso de afetividade familiar talvez e por questões sociais como no caso de uma aluna que mora em abrigo, e não recebe um carinho ou a atenção necessária. Julga ser, *“mais questões sociais internos e emocionais do aluno do que uma questão mesmo, da relação professor aluno”*

Na concepção da psicóloga a escola tem o dever de propiciar estímulos para que as crianças possam vencer essas barreiras no processo de desenvolvimento com o

auxílio de um adulto. Reconhece que a aprendizagens ela ocorre mesmo com dificuldades sociais e emocionais com mais dificuldade, mas ela ocorre.

“a criança precisa de um adulto, a criança precisa de pai mãe de tuto certinho assim (pausa curta). É meio preconceituoso o que eu acabei de falar eu sei que tá errado, assim eu falei da menina que mora em abrigo, eu falei que criança precisa de pai e mãe certinho isso ai acho que não, tá errado a aprendizagem acontece mesmo com dificuldade sociais, emocionais acontece, é mais complicado a escola precisa de um estímulo diferenciado né pra...pra...alcançar essa criança mais acontece assim a aprendizagem ela é ela acontece.” (Psicóloga)

A psicóloga considera muito importante as intervenções feitas na escola, ela vê muito do estímulo que proporciona ao aluno, com os eventos realizados. *“as feiras literárias elas são muitos, ricas... esses estímulos que os professores tentam trazer para os alunos são muito interessantes.”* Mas por se tratar de um ambiente de aprendizagens, é relevante que a escola tenha uma estrutura que propicie um atendimento mais qualitativos as crianças.

“as escolas públicas precisariam a gente sabe de muito mais, pra poder alcançar essas crianças...mais agente precisaria assim não vou negar de recursos muito mais, impossíveis ... precisaria de uma sala realmente de informática ... a tecnologia deveria ser usada mais ... porque atrai as crianças, é chamativo e mundo lá fora mostra isso porque a escola não pode.” (Psicóloga)

Na opinião da psicopedagoga a sala de informática não deve ser usada sem um proposto, o ideal que haja uma ligação entre informática e aprendizagens *“simplesmente não vai pra sala de informática e fica lá, sem usar”*. Deverá ser vista como um recurso pedagógico. Outro fator que deve ser observada é o fato da escola não possuir uma quadra de esporte, porque o lúdico contribui de maneira significativa par o

desenvolvimento da criança em processo de alfabetização. *“apesar de a escola ser bonita ter toda uma estrutura ... só falta questão recreativa da criança trabalhar mais.”*

3.4 Entrevistas com crianças

As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2013, os alunos da professora Lucia não permaneceram todos juntos, foram divididos entre as turmas dos terceiros ano. Então realizei as entrevistas em dois momentos: as individuais e depois com um grupo maior. A escolha das crianças foi por conta dos episódios observados e pela relação que tinham com a professora Lucia.

3.4.1 Samuel

Tem oito anos e, no momento de realização das entrevistas, havia acabado de aprender a ler e estava muito feliz com essa conquista. Aprendeu a juntar as palavras. Segundo ele foi um segredo que a professora contou a ele. *“É a professora me contou o segredo dela, era só juntar as palavras... Bem agora eu estou juntando as palavras do dever que ela está passando diferente dos outros”* Parece estar muito feliz por isso, ta mais participativo nas aulas. O que mais gosta de fazer agora é estudar e brincar, não gosta do barulho. *“O barulho que está na escola me desconcentra.”*

Ele gosta muito da professora Lucia diz sentir falta das aulas dela, mesmo não gostando de quando ela gritava. Mas esse ano esta gostando da nova professora, pelo fato dela trazer presente aos alunos quando fazem a tarefa. *“Eu gosto muito dessa porque ela me tá presente.”* Ao perguntar se ele ganhou algum presente diz que já ganhou muitos. *“Já e tudo [é] comida e tem vezes que é carrinho, eu já ganhei carrinho, pirulito e pipoca.”*

Quando tem dificuldade em alguma matéria, costuma perguntar para a professora e considera que neste momento o melhor é estudar. *“Não é importe a hora do recreio e só estudar.”* O que se deve melhorar na escola na opinião dele é o lixo, *“a escola precisa de limpeza.”* Sente falta do piquenique e dos amigos.

3.4.2 Amanda

Tem oito anos, gosta de brincar no recreio e no parquinho, são suas horas favoritas e não gosta muito das aulas. Considera a professora Lúcia muito boa e bonita, só não gosta de quando ela grita. Tem quatro amigos na sala. Ela diz gostar muito das professoras só não gosta muito da diretora. *“ela da muita bronca”* Gosta de fazer as atividades de sala com a Dionava. *“que ela me ajuda.”* Uma das coisas que a Amanda jamais esqueceu foi a festa que fizeram pra ela na escola se sentiu muito feliz. Quando a professora está ensinando uma atividade muito difícil, geralmente ela fica nervosa. *“Eu fico muito nervosa ... Por que a tarefa é muito difícil”*

Diz sentir muito a falta da professora, esta aprendendo a ler escrever diz esta lendo mais ou menos.

3.4.3 Ana

Tem sete anos gosta de tudo que tem na escola. *“Tudo, a hora do recreio a hora do lanche, a hora do dever a hora do parquinho.”* Não gosta de ficar na sala abafada. Considera as professoras boas. *“Legal as duas desse ano e a do ano passado elas são legais e boas comigo.”* O que mais gosta na escola é quando está aprendendo. O que menos gosta quando vem pra escola e dos meninos. *“O que menos gosto e dos meninos me enchendo o saco.”*

Na opinião dela a escola seria bem melhor se tivesse uma piscina e um parque de diversão. Considera sete coleguinhas como melhores amigos. A coisa mais importante que aprendeu e que jamais esqueceu foi a importância de estudar. *“é bom estuda ... não importa o que seja, você sai aprendendo mais coisas boas.”* Quando se sente insegura com alguma atividade nova proposta pela professora procura pensar um pouco antes de realizar a tarefa. Mas se a atividade for difícil costuma discutir o assunto com o colega. *“A professora fala se é difícil ou não, ai quando ela fala que tá difícil, eu tiver um amigo do lado agente troca ideias”*

O que mais sente falta é da professora e dos colegas por considera los importantes. *“porque eles são importante né os dois a professora e os meus colegas.”* O brincar no parque é uma atividade que gosta muito onde pode realizar varias atividades. Tirando a parte onde caia toda hora. *“Eu gostava de brincar só não gostava*

de uma coisa, de cair toda hora ...de balançar ... de ficar brincando de castelo, de um mote de coisa.”

3.4.4 Ashley

Esta com sete anos e gosta muito da professora Lucia por considera ela uma boa professora. O que mais gosta na escola são seus amigos por isso não é a favor de brigar com eles. Parece considerar a inteligência um grande ensinamento e pretende nunca se esquecer disso. Em sua opinião a escola iria melhorar se fosse colocada uma piscina na escola para melhorar. *“Pra ficar melhor, uma piscina.”* Ela cita cinco colegas como melhores alunos. Sempre que esta com dificuldade pede ajuda pra professora. Sente falta da professora o tempo todo, mas diz esta a prendendo com a nova professora.

3.4.5 Entrevista com o grupo

Aqui coloquei apenas fragmentos das falas das crianças, durante a realização da entrevista em grupo. Em geral, na entrevista as crianças enfatizaram muito a questão do brincar no recreio do piquenique e da falta que sentem da professora e dos colegas de sala. Gostam de fazer piquenique por ser além de gostoso é um momento onde trocam o lanche e se interagem. *“é legal... é muito gostoso... a gente se uni pra lanchar... experimenta coisas novas... brinca ... além de experimentar coisas novas a gente está se divertindo.”*

Já estão se preparando para conversar com os professores, querem que neste ano façam o piquenique na sala também. No ano anterior passavam muito tempo no parque, por esse motivo reclama porque agora o tempo é limitado. *“ficamos alguns minutos uns quinze minutos, antes ficávamos 35 minutos...”* São muitas coisas que apreenderam com a professora Lucia, mas destacam a importância da amizade e o valor que ela tem. *“fazer amizade com todo mundo, aprender coisas novas e a ser amigos de todos, mesmo que você odeia a pessoa.”*

3.5 Discussão

3.5.1 *O desenvolvimento infantil e as práticas de sala de aula*

No processo de desenvolvimento infantil, podemos observar que grande parte ocorre no ambiente escolar, mais especificamente na sala de aula. No decorrer dos anos, as questões voltadas para a criança tem sido visto de forma mais significativa e essa preocupação apresenta indicadores de que as crianças estão ganhando um espaço de reflexão na hora de formular projetos voltados para o ensino infantil e o início de escolarização. Os professores estão se especializando para conseguir fazer mediações mais efetivas nas aprendizagens das crianças. Por isso, há a importância de conhecer as fases do desenvolvimento infantil, não somente uma determinada faixa etária, e sim no sentido do desenvolvimento como um todo. Claro que o mais importante é conhecer o que acontece do nascimento até a adolescência, pois com o domínio desse conhecimento as práticas pedagógicas dentro da sala de aula ganham mais sentido e eficácia.

No estudo empírico, elaborando a partir do que as crianças participantes da pesquisa falaram, consideramos bons professores aqueles que conseguem em determinados momentos no processo de alfabetização gerenciar as expectativas com suas limitações sejam cognitivas, físicas ou sociais. Nessa perspectiva não podemos esquecer que o processo de desenvolvimento humano se divide em três tipos básico: físicas, cognitivas e socioculturais, tornando-se um processo unificado Papalia (2011). Essas informações são necessárias, para que consigam resultados satisfatórios no processo de ensino e aprendizagem. Não basta somente conhecer o contexto da criança, tem que se saber como se dá o processo de desenvolvimento e estabelecer relações afetivas de forma positiva, como apresentou o estudo de Wallon.

Não é em vão que estudos sobre o surgimento da infância vem crescendo nas ultimas décadas. Comparando com o contexto histórico observamos a crescente preocupação no bem estar da criança. Isso segundo Ariés (2006), só foi possível a partir do século XVII, pois havia uma necessidade em proteger as crianças de determinadas atitudes dos adultos, surgindo a preocupação com a docência e a moral. Sanar as dificuldades das crianças em sala de aula tem sido motivo de muitas discussões entre os profissionais da educação na atualidade.

Diversas são ações da professora dentro da sala de aula, cada qual possui sua didática e sua forma conceitual de ensinar. Uma pesquisa recente em uma disciplina sobre educação infantil² ficou claro que muito dos professores não tem um conceito e nem uma clareza de como a criança se desenvolve e quais são as etapas ou processo que compõem o desenvolvimento cognitivo. Se isso não está explícito, como ficam as relações dentro da sala de aula? Como o professor pode respeitar o limite de cada criança? Muitos estão ali seguindo um cronograma como forma de atingir a meta estabelecida pelos órgãos gestores, não levanto em consideração o desenvolvimento e as possibilidades de aprendizagens da criança. Quando o professor não sofre uma pressão cronológica, fica mais hábil de ensinar de uma forma tranquila estabelecendo relações com aluno e assim a própria criança se sente segura em aprender. Esses tipos de relações favorecem ao aluno a autonomia para aprender e lidar com o conhecimento. Com suas indagações, aprendem e descobrem com suas próprias perguntas e respostas.

Na proposta de Wallon, a criança se desenvolve com a afetividade mediante as relações estabelecidas no ambiente escolar, a motricidade, o brincar, as aprendizagens e a afetividade é a base do desenvolvimento da cognição. Assim a criança se prepara para conhecer melhor o que está em sua volta. Essas características bem marcantes no processo de ensino e aprendizagem na turma da professora Lucia. Suas crianças tem na sala de aula um lugar de afeto ao brincar com os colegas de classe estabelecendo uma relação que favorecem o amadurecimento cognitivo (NASCIMENTO, 2004).

Não poderíamos falar de práticas pedagógicas sem mencionar os processos de desenvolvimento da criança. Como podemos alfabetizar sem não sabemos em que fase desenvolvimento a criança se encontra, tanto no sentido biológico como dos processos psicossociais e cognitivos. Bee (2011) afirma que para que ocorra aprendizagem é necessário que se aprenda gradativamente, assim a criança consegue assimilar o próximo passo da aquisição do conhecimento. O professor com a missão de ensinar a criança estabelece metas e planos pedagógicos, porém numa turma de 28 alunos como é caso da turma observada nem todos irá assimilar o método da professora, cabendo a ela diagnosticar as dificuldades de seus alunos e propor uma nova didática, para que possa alcançar com essas crianças as metas estabelecidas no seu plano original.

² Disciplina Psicologia da infância ministrada pela professora Dra. Monica Neves. No segundo semestre de 2012.

A professora Lucia tem isso muito bem definido. Sua concepção sobre o processo de alfabetizar fica claro na sua fala em relatar que a criança tem que ser vista como um todo. Talvez esse seja o grande segredo!

3.5.2 A perspectiva da criança sobre sua aprendizagem

Na aquisição das aprendizagens temos que considerar todo o conhecimento ao qual a criança possui, podendo assim dar continuidade no processo de ensino aprendizagens. Na terceira infância a criança apta a adquirir novas habilidades sejam para a sociedade, questões domésticas e entre outras. E, a maior dela é o ato de ler e escrever. Na escola não é diferente, as angustias aumentam e a necessidade de estar no mesmo nível intelectual que seus colegas se tornam um objetivo muito forte. A convivência com seus pares vão contribuir na aquisição do saber e a criança cria expectativas com relação no como, vão aprender.

Durante todo o processo de observação na escola, essas expectativas estavam muito nítidas nas atitudes da turma no geral. Sejam na hora de refletir sobre a atividade que estavam realizando ou na hora de ajudar o colega na realização das atividades. Estavam sempre certos e quando descobriam as respostas os gritos de “Eu Sei!!” era por toda a sala.

Segundo Papalia e colaboradores (2009), a turma da professora Lucia está na terceira infância, que se caracteriza pelas expectativas intensas que tem sobre o ambiente escolar. Nessa visão de conceitos a crianças espera alcançar bons resultados. Portanto é preciso estar atentos em fatores como: a participação dos pais; um ambiente favorável; a aceitação do colega em sala, das condições que proporcione a criatividade da criança e da adequação nos recursos didáticos, proporcionando um desenvolvimento favorável. No caso dos alunos da professora Lucia todos esses fatores estavam presentes, isso fez com os seus alunos fossem maduros o suficientes para compreender a importância do estudar e apreender mais.

A visão que possuem com a relação á aprendizagem é fundamentada nas que a professora repassa em sala de aula. Se hoje é aula de matemática iremos aprender com os números, então a atividade vai ser assimilada, repensada e posteriormente compreendida. Assim antes de resolver quaisquer atividades que encontram dificuldades, utilizaram os recursos: primeiro reflexivo; segundo a ajuda dos colegas, a discussão com eles e por fim direcionam a dúvida para a professora.

Piaget destaca que as crianças no estágio operacional são capazes de desenvolver estratégias em busca de novas soluções para determinados problemas, utilizando de lógicas indutivas e dedutivas (MONTROYA, 2004). Nessa percepção as crianças observadas utilizavam da prática reflexiva para resolver a atividade proposta pela professora, ou seja, da lógica indutiva e dedutiva na esperança de resolver de modo satisfatório.

Na verdade a turma em questão tem a consciência que precisam “aprender muitas coisas”, por isso criam muitas expectativas nas práticas pedagógicas de outras professoras e quer repetir as mesmas atividades feitas pela professora Lucia.

3.5.3 As relações professora-criança

Estabelecer uma relação com o aluno no período de desenvolvimento é fortalecer o intelecto e as relações e sociais, e não só o professor, mais a família passam a estabelecer uma relação de cuidado também, pois parte dela os primeiros momentos afetivos.

A escola tem uma função importante na sociedade, é a educação dos cidadãos, do ensinamento, das regras sociais e do desenvolvimento de habilidades psicológicas e pedagógicas. Dentro da escola o professor desempenha o papel de condutor, o responsável por fazer, com que esses objetivos educacionais sejam alcançados.

Isso fica mais claro quando observamos uma turma do segundo ano e a relação que adquire com sua professora. Nessa observação, as crianças que se sobressai na sala de aula são justamente as crianças que tem a maior afinidade com o professor. Exemplo: as melhores crianças são bem envolvidas, pois confiam na professora, e querem sempre receber elogios. Acabam por se destacarem e não veem o professor como autoridade da sala e sim um adulto que os ajudam a apreender. Isso não quer dizer que as crianças que não aprendem, tem uma relação ruim com a professora. Cada caso tem suas particularidades.

Na visão de Vygotsky a escola é a principal fonte do conhecimento científico a zona de desenvolvimento proximal, faz ligação entre o processo de desenvolvimento e à relação do ambiente sociocultural, ele contribui para amadurecimento do indivíduo, pois nesse processo a criança aprende com outras pessoas, e tende a executá-las mais tarde sozinhas (MELLO, 2004). Esse processo é realizado na escola, pois nela encontramos indivíduos que fortalecem e ajudam no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

O professor desempenha o papel de fazer essas mediações, intervenções e levando a criança a pensar.

Para Wallon, o indivíduo não aprende sozinho, ele precisa estar inserido em um meio social. A interação e a comunicação com o outro significativo é o que promove desenvolvimento. O conhecimento científico vem sistematizar esse processo que é inicialmente afetivo. A base da inteligência são os processos afetivos (NASCIMENTO, 2004).

Na visão da professora essa relação é estabelecida pelo respeito. Quando as crianças aprendem a serem educadas e a compreender o papel dos outros nas relações sociais, ela como professora, dos pais e das outras crianças, com certeza as relações estabelecidas contribuirão de forma satisfatória na aquisição do conhecimento. Quando as relações interpessoais estão bem resolvidas, especialmente na sala de aula, há mais chance de a aprendizagem escolar que envolve o desenvolvimento de habilidades de pensamento ocorrer. Na visão das crianças, essas relações baseiam-se no vínculo afetivo, no apego. Nessa faixa etária, geralmente a professora é vista com muita admiração.

Esta e tantas outras pesquisas em educação pressupõem que o ambiente tem uma influência sobre a forma como uma criança pensa e compreendendo o mundo. Entretanto, em muitos países, os valores e crenças culturais consideram o ensinar e o aprender da escola como uma tarefa objetiva. Parece-nos que não se considera a importância das relações afetivas entre quem ensina e quem aprende. Muitas vezes crianças e jovens vão à escola simplesmente para aprender o conteúdo, realizar exames, não esperam nada mais do que isso.

Acreditamos que o ensino no Brasil é diferente. Nas experiências da autora em diversas escolas na rede pública de ensino como estagiária e observadora, percebemos que há uma diversidade enorme na cultura das instituições e na forma como as crianças se comportam diante da aprendizagem escolar. Parece que, por mais que exista uma regulamentação e uma extensa legislação sobre a educação, não há práticas pedagógicas unificadas, ou um padrão estabelecido que seja exercido da mesma forma. Isso pode ser muito construtivo, porque dá espaço para modos de compartilhamento da cultura de formas diferenciadas. O que pode incluir diferentes formas estabelecimento das relações de afeto.

Para Wallon o professor tem que se preocupar com a sequência didática, pois ajuda a fortalecer as relações assim o conhecimento se torna o elo entre os dois

indivíduos (NASCIMENTO, 2004). Dar atenção à criança demonstra um clima de confiança, portanto, satisfaz suas necessidades psicológicas, despertando a motivação e a faz aprender mais, fortalecendo, assim, as relações em sala de aula.

Na perspectiva das crianças, a professora Lúcia era chata e, ao mesmo tempo legal. Mas, mesmo assim ouviam o que a professora tinha para falar podia ser a bronca que fosse sempre a respeitavam, pois, segundo eles, sabiam que quando ela brigava era porque realmente estavam errados. Por chata se referiam às “brincas” ou “brigas” em função da bagunça e da falta de ordem causadas por elas (crianças) em momentos que a professora julgava que deveria haver concentração para realização da tarefa.

Sempre respeitavam suas decisões, durante as atividades a professora explicava muito com perguntas e com complementos de frases, procurava interação o tempo todo com as crianças. As cartinhas com desenhos e com demonstração de carinhos por parte das meninas eram constantes. Os meninos, alguns deles se despediam com abraços.

Na medida em que surgia um problema ou conflito interpessoal, logo corriam para contar para a professora. Mesmo durante o recreio era ela quem deveria resolver todos os problemas. Em minhas observações, realmente constatei que ela procurava resolvê-los. Sempre que a turma passava do limite, era com muita conversa que ela acalmava a turma. No fim do semestre, fazendo um olhar retrospectivo desde o início da minha inserção na escola, fiquei muito impressionada como os alunos já haviam acomodado os princípios que a professora exigia deles com relação às atitudes frente ao outro e frente ao trabalho escolar.

3.5.4 *Práticas que favorecem as aprendizagens*

As praticas pedagógicas se constituem por ferramentas materiais e simbólicas que medeiam o processo de ensino e aprendizagem. Cada professor tem sua forma de implementar essas praticas dentro da sala de aula de acordo com suas teorias e valores. Para Carvalho (2008), a sala de aula é um lugar onde a criatividade é constante e desta forma não só o a criança constrói o conhecimento, mas todos que estão inseridos nesse contexto. A professora Lucia utilizava tudo que estava em sua volta como ferramentas pedagógicas. Duas práticas chamaram muita atenção em campo: o espaço para brincar e o cantinho da leitura. Neste ultimo, a professora pedia para que as crianças lessem os livros enquanto ela corrigia uma tarefa individualmente ou atendia a um aluno.

O processo de desenvolvimento cognitivo começa com as experiências. Assim quando as crianças estão reunidas em um lugar como o parque brincando ou no piquenique compartilhando seus lanches, estão em processo de aquisição de conhecimento. Vygotsky acreditava que os processos de aprendizagens se dão por meio de interação social. Na turma da professora Lucia, o que mais chamava a atenção das crianças eram as aulas de terças-feiras. As atividades propostas para esse dia geralmente, terminavam mais cedo e todo o trabalho escolar deveria ser finalizado no tempo reduzido que tinham. Entretanto, o rendimento das crianças nesse dia era superior aos outros dias da semana.

Dois fatores influenciavam nesse aproveitamento escolar: (1) o fato de saberem que após o recreio iriam para o parque; (2) a clareza dos objetivos das tarefas e do conhecimento do padrão de qualidade exigido pela professora. Isso os deixava mais concentrados. Mesmo que chovesse ou o parquinho estivesse ocupado, o brincar era uma prática pedagógica frequente na vida dessas crianças. E, todos se esmeravam e cooperavam para garantir o momento tão precioso.(MELLO, 2004)

O piquenique proposto pelas crianças tinha uma função importante para a turma. Era um momento de socialização. As práticas do lúdico contribuem não só nas relações, mas também na adaptação da criança no ambiente escolar. Inclusive, uma das principais queixas das crianças na entrevista é justamente o fato de não terem mais esse momento no terceiro ano. Na fala de cada uma fica explícito um ensinamento que eles jamais esqueceram que a amizade e o respeito pelo colega é tudo. Não há formas de teorizar essas lições para as crianças. Pois amizade e respeito pelo colega não são conteúdos. Elas têm que experimentar para saberem o que é. Talvez seja esse o motivo de sentirem falta dos coleguinhas do ano anterior.

Wallon afirma que o ser humano é organicamente social, ele constitui sua identidade e o conhecimento do mundo por meio das relações sociais. Por isso as crianças participam das atividades em sala de aula e compreendem as regras, por vivenciarem no parque e no piquenique as interações sociais (NASCIMENTO,2004).

A questão não é o que se ensina na sala, mas o que vão levar pra vida toda e nunca esquecerão quando adultas. Talvez levassem um ano todo para ensinar valores como respeito ao colega, o valor da amizade, a importância de aprender, o compartilhar entre outros valores. Essa turma com um simples acréscimo na rotina escolar aprendeu com muita facilidade. E, a ação da professora teve importância fundamental nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos lembramos da nossa infância, pensamos logo nos amigos da escola, da época em que brincávamos, corríamos pelo pátio, dos professores ficavam bravos por nossas bagunças e daqueles que nos incentivavam. A minha lembrança é de uma professora, muito meiga, que sabia cativar o aluno desde o primeiro dia de aula. Lembro-me que muitas das vezes não queria ficar na escola, mas com um jeitinho dócil, ela me fazia acreditar que a escola era um mundo mágico e que através das histórias eu conheceria esse mundo. Isso me encantava e conquistava. E foi essa lembrança que me fez cada dia querer estar ali.

Muitos de nós temos experiências escolares boas e outras ruins, tudo depende do tipo de relação que temos com o ambiente escolar e do sentido dessas experiências. Isso, é claro, engloba a relação com o professor, funcionários da instituição, e os amigos de sala. Os processos pedagógicos e psicológicos estão juntos na caminhada do processo de desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Suas aprendizagens se estabelecem a partir de intervenções pedagógicas, que passam por um processo de internalização segundo Vygotsky ou processo de assimilação segundo Piaget. Ao longo das experiências vividas a criança se torna o indivíduo adulto completo, segundo Wallon, não somente em função do desenvolvimento de seus processos biológicos, mas especialmente, em função do desenvolvimento de seus processos cognitivos, afetivos e sociais proporcionado por determinadas práticas pedagógicas.

O professor assume então, um papel importantíssimo, pois é quem tem a responsabilidade de oferecer as mediações, de introduzir a criança no meio social, fortalecendo suas relações coletivas dentro da sociedade. Aprendemos que há um tempo determinado e formas diversas para cada aprendizagem. Quanto à alfabetização, envolve o processo de socialização e de comunicação da criança com seu meio cultural. No caso da criança, devemos respeitar essas etapas e considerar que cada criança possui uma forma única de compreensão. Assim, a criança consegue ter um desenvolvimento de uma autonomia diante do seu processo de aprendizagem. Portanto, o conhecimento sobre os estágios do desenvolvimento passa a ser a ferramenta fundamental para o sucesso da aquisição dos saberes.

Nesse processo de desenvolvimento humano não quis me apegar a fatores específicos de cada processo ou faixa etária, minha intenção é valorizar aquilo que já temos fundamentado, incorporando numa nova perspectiva infantil. Trouxe episódios do cotidiano escolar, onde observei o como, as práticas e a postura da professora favoreceram a criança no seu processo de desenvolvimento, não só cognitivo, mas principalmente no que se diz a respeito, das questões sociais e a relação socioafetiva.

A escola é lugar de interação social e nessas interações a criança se desenvolve de forma física, cognitiva e psicossocial. No decorrer dessas observações cada aluno expressa uma opinião sobre a escola, muitos dos resultados estão baseados nas experiências dos primeiros dias de aula. E o que percebi de cada um deles que esse ambiente escolar se tornara um lugar de brincar, mas não é só durante o recreio, é em sala com o colega, no parque e até durante as aulas quando são chamadas para representar alguma atividade. Os saberes estão presentes também na fala de cada um, das descobertas que fazem junto com a professora, do respeito que adquirem ao ouvir o que a professora está falando e a não gritar, assim não a trabalha o coleguinha, que às vezes fica com dor de cabeça. São valores que dizem aprender somente na escola.

Não gostam quando a professora vem com atividades, com regras, com cobrança e exigindo das crianças responsabilidade, o ambiente se torna muito ruim na visão delas. Então para que a escola fosse boa teria que ter um parque de diversões com piscina e estar bem limpa. Nessa visão nossos desbravadores enxergam a escola como uma estrutura física com grandes possibilidades onde tem pessoas que são boas e outras que são ruins que dão muitas broncas e que gritam muito, mas que a escola é um lugar que aprendem a ler e escrever.

O professor tem uma representação muito significativa no imaginário da criança dos anos iniciais. Ele é responsável pela canalização da imagem que as crianças farão da escola. No caso da professora Lucia, observamos que ela exerce um papel diferenciado dos outros professores observados ao longo do curso de Pedagogia. As crianças a enxergam como uma boa professora, que os deixam brincar, mas que também “briga” e exige as tarefas feitas. Em nenhum momento percebi alguma criança dizendo não gostar da professora. Muito pelo contrário, ao passar para o terceiro ano, trocar de turma e de professora, as crianças entrevistadas estão sentindo falta dela.

A perspectiva das crianças sobre a escola é que possam continuar com as amizades construídas no segundo ano, que os professores as deixem brincar mais, que

as levem para tomar banho de mangueira, e que, acima de tudo, que elas consigam apreender mais.

Quando chegam à escola na segunda-feira, a primeira coisa que querem saber uns dos outros é de como foi o fim de semana. Onde foram? Com quem? Como foi? Aprenderam a ser dessa forma porque a professora Lucia fazia as mesma perguntas todo início de semana. Eles querem, a todo o momento, fortalecer as amizades, procuram o tempo todo fazer novos amigos e construírem vínculos. Esperam que esse ambiente da escola possa favorecer cada vez mais a construção dessas relações.

A proposta da professora Lucia era que seus alunos possam se desenvolver de forma autônoma e global, exigindo a participação deles mesmos nesse objetivo. Quanto às crianças, elas mencionam que querem muito apreender a ler e escrever, não gostam de fazer atividades diferenciadas dos outros (destinada aos alunos que estão em processos diferentes de alfabetização), compartilham o conhecimento de modo a ajudar o outro na construção do saber, quando consideram um conteúdo difícil refletem, pensam em outra resposta, utilizam o raciocínio lógico, tudo isso apenas “trocando ideia”, como dizem na sala. Então, essas relações constituem aprendizagens e processos de significação de si.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Metas e compromissos

Tenho muitas expectativas sobre o meu futuro e sobre quem eu quero ser. Acima de tudo, mantenho o foco de chegar ao doutorado. Para isso, a cada etapa dessa jornada é uma vitória. Busco a cada dia mais me informar do que está acontecendo em minha volta e onde tenho que buscar mais informações e recursos, pois o atual mercado está muito competitivo e é importante buscar uma formação para além da graduação.

Pretendo fazer um curso de português para sanar minhas dificuldades antes de me inscrever para o mestrado na área do desenvolvimento cognitivo. Além de me identificar com o tema, o considero importante para compreender e estabelecer as relações interpessoais cotidianas e, essencial para subsidiar minha ação pedagógica.

Também, futuramente, pretendo fazer um doutorado na mesma linha o que, aliado à experiência adquirida dentro da sala de aula, contribuiria para a publicação de um livro compartilhando meus saberes com meus pares. Tenho um gosto especial pela área acadêmica, mas também desejo trabalhar na educação básica, tanto na rede privada como, talvez, me candidatar à um concurso público para a Secretaria de Educação. Abrir uma escola? É uma possibilidade.

Sei que cada passo que damos é uma conquista sem igual. Mesmo conhecendo os desafios e sabendo que novos virão, espero alcançar esses objetivos, principalmente, porque serei a primeira da minha família a ter mestrado e doutorado. Além disso, não pretendo parar de estudar nunca. Buscarei me aperfeiçoar mais e mais na tentativa de ser uma profissional respeitada que contribua de modo significativo na vida daqueles que um dia me chamarão de professora.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Phillip. **Historia social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 12^a. edição. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 7^a. edição. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- CANDIOTTO, Cesar. (org.) **Fundamentos da Pesquisa Científica**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.
- CARVALHO Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 5.ed.Petrópolis, RJ: vozes, 2008
- COLE, Michael. **Desenvolvimento da criança e do adolescente**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003
- CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Tradução de Lia Gabriele e Regius Reis. São Paulo: Artmed, 2011.
- CRECHE FIOCRUZ. **Projeto Político Pedagógico**. Rio de Janeiro, 2004.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. 3^a. edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KOHAN,Walter Omar (org.) **Lugares da infância: filosofia**.DP&A, 2004.
- MONTOYA, Adrián Oscar Dongo. Contribuições da psicologia e epistemologia genética para a educação. Em: CARRARA, Kester (Org.), **Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004, p. 157-186.
- MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 7^a.edição. São Paulo: Loyola, 2008.
- NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. A criança concreta, completa e contextualizada: a Psicologia de Henri Wallon. Em: CARRARA, Kester (Org.), **Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004, p. 47-69.
- OLIVEIRA, Jorge Leite de. **Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica**. 5^a edição. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky – aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2009.
- PAPALIA, Diane. E.; OLDS, Sally W. **O mundo da criança: da infância à adolescência**.11.edição. São Paulo: Mcgraw-Hill, 2009.
- PAPALIA, Diane. E.; OLDS, Sally. W.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano**. 8^a ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científica: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2^a. Edição. Novo Hamburgo. Feevale.2013. Acervo virtual. Disponível em www.feevale.br/editora.
- SILVA, Elzenir Gonzaga; TUNES, Elizabeth. **Abolindo mocinhos e bandidos: o professor, o ensino e o aprender**. Universidade de Brasília, 1999.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. 9.ed.São Paulo. Cortez, 2000

VYGOTSKY,L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APÊNDICE

O Primalito disse karismen na escola
 quando carmelim foi Prá Escola Ela viu os colegas
 a professora ela também Ela matou o Felipe
 e depois ~~o~~ carmelim ficou feliz e foi viajar.
 Depois ela fez uma tarefa e ela gostou da
 escola Ela aprendeu a escrever e a ler
 depois Ela viu o sol Ela foi Lacionar
 Ela foi estar Ela foi viajar pra Praia
 e depois Ela foi pra Escola E viveu feliz
 Para sempre

Ela conheceu amigas principais muito

Ela gostou da escola

e o pai dela tem um computador

e ela gostou

ela gostou da professora

e da professora de matemática

e da professora de ciência

e também gostou



Ela chegou com amigos e amigas
 tocou o sino e chegou a
 professora ela era lerda
 a professora ensinou a ler e
 escrever. a certa vez amigas
 tocou o sino do recreio ela foi
 brincar e a mãe dela foi buscá-la
 ela gostou tanto da escola
 que não queria sair ela brincou
 tanto que quando chegou
 em casa só dormiu
 e ficou com felis que no
 dia seguinte Carmem acordou
 bem seborrheica e queria ir para
 escola a mãe dela levou
 a mãe dela comprou lanche
 ela comeu tocou o sino
 foi pro recreio brincou que
 cansou e ficou felis para sempre.
 Maria Luiza. Carmem



i rol katto lu volotalmaistoria
 ar meigoratadivola abroEvora l
 legal lrebolnora: amiora
 lbritoln cara l Eobrami
 lamtolu l terri l ekonoim
 rilmitolol protelolloro
 luro o lalloro dulnte
 Ein



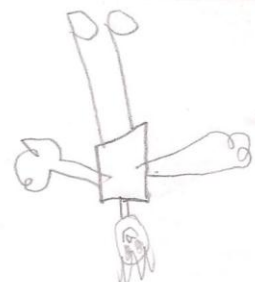
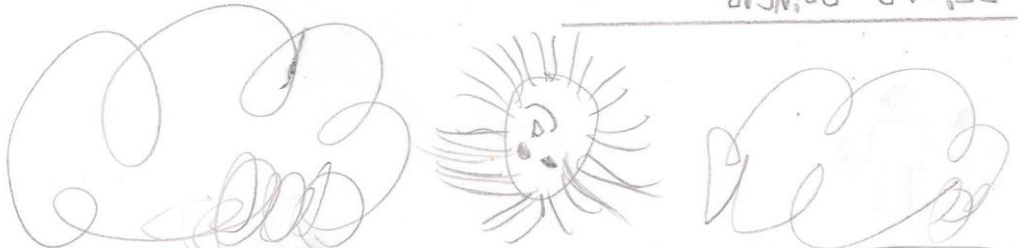
data: 07/11/2012 - ...

o professor legal

o professor legal!



1- DEIXAR BRINCAR
 2- LEVAR PARA O PARQUINHO
 3- LEVAR PARA PESCAR
 4- FAZER ATIVIDADES SO DE MATEMÁTICA
 5- TEM QUE DAR AULA TODO O DIA
 6- DEIXAR IR PARA O RECREIO

data: 02/11/12

PROFESSOR LEGAL!

5-TEM QUE DAR AULA TODO DIA
 6- DEIXAR IR PARA O RECREIO
 1- DEIXAR BRINCAR
 2- LEVAR PARA O PARQUINHO
 3- LEVAR PARA PESCAR
 4- FAZER ATIVIDADES SO DE MATEMÁTICA



CARMEN TINHA MEDO DA PROFESSORA
CARMEN GOSTOU DA ESCOLA
CARMEN GOSTOU DA AMIGAS
EU GOSTO DE BRINCAR
EU GOSTO DE PASSAR DEVER

RENATA ALEXANDRE LANCIARE

CARMEN 27/11/2014



ANEXOS



Universidade de Brasília
 Faculdade de Educação
 Departamento de Teoria e Fundamentos
 Área: Psicologia da Educação

PESQUISA: Relações professora-criança e a aprendizagem em sala de aula nos anos iniciais

TERMO DE CONSENTIMENTO Para menor de idade

Meu nome é Adler Peggy Lima Aleixo³ aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB no. 10/0089801, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire⁴. Estou realizando uma pesquisa sobre Relações professora-criança e a aprendizagem em sala de aula nos anos iniciais Para isso, gostaria de solicitar sua autorização para realizar uma entrevista com seu (sua) filho (a).

Esclareço que as entrevistas individuais ocorrerão em horário escolhido em comum acordo entre as partes no espaço da escola; as informações pessoais de seu (sua) filho (a) serão preservadas, ele (a) não será identificado(a) no trabalho; não existe nenhum risco potencial para ele(a); lhe é garantido a possibilidade de desistir em qualquer momento do trabalho. Qualquer dúvida em relação ao estudo você pode me contatar por meio do e-mail reldapeggy@hotmail.com e pelo telefone celular (61) 9213-8409.

A participação de seu (sua) filho (a) é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição.

() **autorizo meu (minha) filho (a) a participar deste estudo**

Local e data: _____

Nome do(a) aluno (a): _____

Endereço do(a) aluno (a): _____

Nome do(a) responsável pelo(a) aluno (a): _____

RG ou CPF: _____

Telefone do(a) responsável: _____

E-mail do(a) responsável: _____

Assinatura do(a) responsável: _____

³ Contato: Adler Peggy Lima Aleixo – E-mail: reldapeggy@hotmail.com;

⁴ Contato: Prof^a Dr^a Sandra Ferraz – E-mail: sandra.ferraz@gmail.com.



Universidade de Brasília
 Faculdade de Educação
 Departamento de Teoria e Fundamentos
 Área: Psicologia da Educação
 PESQUISA: Relações professora-criança e a aprendizagem em sala de aula nos anos
 iniciais

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM CRIANÇAS:

- 1) O que você acha da escola?
- 2) O que acha da professora?
- 3) O que você mais gosta e o que menos gosta daqui da escola?
- 4) Quem são seus melhores amigos?
- 5) De quem você gosta e de quem não gosta na escola?
- 6) Contar uma coisa legal que fez em sala de aula, porque foi legal, e como se sentiu.
- 7) Me conta uma coisa que você aprendeu na escola e não esqueceu mais. Por que você acha que aprendeu tão bem aprendido isso?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA:

- 1) Qual sua profissão e a quanto tempo trabalha com na rede pública?
- 2) Essa pesquisa tem como motivo investigar: como se da a relação do professor e aluno no desenvolvimento das aprendizagens nas series iniciais. Com base nisso qual são suas expectativas em relação aos alunos?
- 3) Como funciona a relação entre o professore o aluno dentro da sala de aula?
- 4) Você acredita na afetividade ?
- 5) Qual ou em quais autores orientam suas concepções como profissional da educação?
- 6) Você se considera um bom profissional? Porquê?
- 7) Como você classificaria seus alunos?

Obrigada professora!

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O APOIO ESCOLAR:

- 1) Qual a sua formação e a quanto tempo trabalha na área da educação?
- 2) Como em sua opinião estabelece uma relação entre professor e aluno?
- 3) Essa relação é vista nesta escola pelos alunos com o professor?
- 4) Relate como é desenvolvido o seu trabalho dentro da escola?
- 5) Qual é o perfil desses alunos aqui da escola? E como vocês fazem os atendimentos?
- 6) Como você classificaria os alunos que são direcionados pelos professores ao apoio escolar?
- 7) Você acha que essa escola, tem esse apoio diferenciado por aluno? Ou se ela tenta?

Obrigada!